

ILUSTRAÇÃO

N.º 301 — 13.º ano



INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

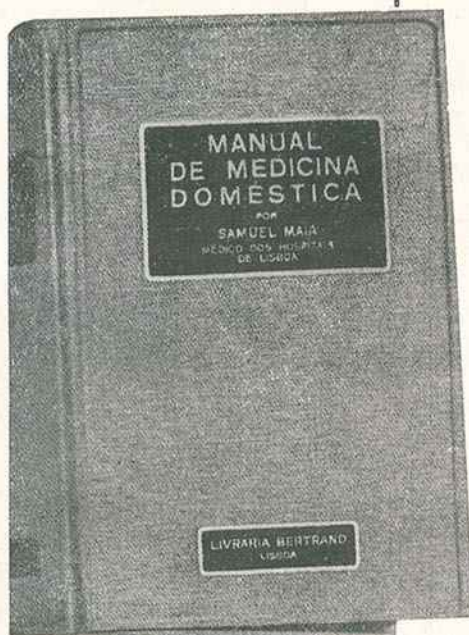
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico** por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e Impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



O que certas pessoas dizem de certos produtos:

É quasi a mesma coisa. Também é bom... Fica mais em conta..

Mas os conhecedores continuam usando a

Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

DESCOBERTO, FABRICADO E GARANTIDO PELA CASA BAYER

Estoril-Termas

Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico

PARQUE DO ESTORIL
ABERTO TODO O ANO

Banhos de água mineral e de água do mar quentes. Banhos CARBO-GAZOSOS. Duches. Irrigações. Pulverizações e Inalações, etc. = = = = =

ONDAS CURTAS. DIATERMIA. Raios Ultra-violetas e Infra-vermelhos. Electricidade médica. MECANOTERÁPIA e Maçagens. = = = = =

MAÇAGISTAS ESTRANGEIROS ESPECIALIZADOS
CULTURA FÍSICA
AQUECIMENTO CENTRAL

Consulta médica das 9 às 12 - Telef. E. 402 (P. B. X.)

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podéis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA** os **REUMATISMOS** Agudos ou Chronicos e todas as dores de origem artrítica

l'm unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias

Produits BÉJEAN - Paris

PAULINO FERREIRA
:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874
Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. - **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 - LISBOA
Telefone 2 2074

GRAVADORES
IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L. da

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA



UM EXERCITO DE PAZ



Com um frigorífico, a carne e todos os alimentos conservam-se em perfeito estado muito tempo.



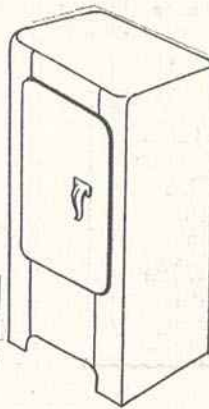
Leite, manteiga, ovos, frutos e legumes, conservam-se admiravelmente, sem perderem propriedades.



A menos de 10 graus cent. desaparece o perigo das bactérias, que não podem reproduzir-se a tão baixa temperatura.

empreendeu, ha anos, sem pólvora nem canhões, uma verdadeira cruzada pelo bem-estar e a saúde de todos. Médicos, químicos, engenheiros e desenhadores, trabalharam sem descanso em laboratórios, gabinetes e oficinas, procurando realizar praticamente a refrigeração eléctrica. Esse exército ganhou a batalha mais gloriosa, porque conseguiu tornar prático e económico o que antes era um sonho: — a refrigeração eléctrica a domicilio, cientificamente demonstrada como sendo a melhor protecção da saúde a fonte inesgotável de bem-estar e de satisfação. Quando compreender bem as vantagens da refrigeração eléctrica, também V. Ex.º há-de querer dotar o seu lar com esta, notável conquista do seu tempo.

**PROTEJA A SUA SAÚDE
E A DOS SEUS COM**



UM FRIGORÍFICO ELÉCTRICO
COMP. AS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE
SERVIÇO DE PROPAGANDA · TELEFONE 2 0011

NOVIDADE LITERÁRIA

A RETIRADA DOS DEZ MIL

DE XENOFONTE

Trad. e prefácio de AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 352 págs., broch. ... 12\$00
Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

AOS SRS. ADVOGADOS

Propriedade Literária, Científica e Artística

Decretos n.º 13.725 e 5.693 — Convenção de Berna — Adesão à Convenção de Roma — Legislação interna e duração do direito de propriedade literária nos diferentes países

Compilação e revisão do DR. CARVALHO MAIA
Conservador do Registo de Propriedade Literária

1 vol. de 94 págs., broch. . . . 7\$00
Pelo correio à cobrança 8\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 2.ª EDIÇÃO, CORRIGIDA

MUDANÇA DE ARES

ROMANCE

POR **SAMUEL MAIA**

1 volume brochado 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 3.ª EDIÇÃO DA

TOPOGRAFIA PRÁTICA E AGRIMENSURA

DA BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PELO

Coronel GUEDES VAZ

Antigo professor de Topografia

e Tenente-coronel MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

1 vol. de 440 págs., com 281 figuras, enc. 22\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

HOJE mais do que nunca se impõe o culto de Camões visto ser nêlo que mais

fortemente se concentra a Alma da Raça. Nos momentos de maior incerteza, a Alma Nacional encontrou no épico excelso o alento necessário para reagir e triunfar.

Os retratos de Luiz de Camões surgem por aí aos milhares, sendo impossível garantir agora qual dêles seja o mais parecido. Apareceu em tempos um que diziam ter sido feito em Goa em 1581, isto é, um ano apròximadamente, depois da morte do Poeta, e catorze anos decorridos, portanto, após a sua saída da Índia. É natural — dizem os vários entendidos nêstes assuntos, — que êste retrato tenha muitas parecências com o retratado, "por estar ainda recente a sua fisionomia no espírito dos amigos e artistas que em colaboração, procederam à iluminura". Acrescentam que o seu autor deve ter-se chamado Pinto.

Mais tarde appareceu outro retrato do épico imortal assinado pelo pintor Fernando Gomes, em Lisboa, e

O VERDADEIRO RETRATO DE CAMÕES

que deve ter sido feito por volta de 1570. Tudo leva a crêr que Luiz de Camões servisse de modelo ao retratista. Com efeito, trata-se de um retrato de facto, que nos dá a forma perfeita da cabeça do divino cantor de *Os Lusíadas*, visto não ter a coroa simbólica de louros a deformá-lo.

Assim pode ser. Mas o retrato de Camões é aquele que temos dentro

seu curto trajecto por êste mundo, mas nos impõem o respeito e fazem avivar alguma lembrança mais rebelde. Luiz de Camões representa a Alma da Raça quer tenha a coroa de louros como Homero ou a lira argêntea como o autor das *Geórgicas*.

O velho debate travado entre os erúditos que pretendem saber qual dos olhos de Camões teria sido vasado no combate de Ceuta, pouco nos pode interessar.

Camões foi Camões. Fisicamente foi como foi, e como se desfez. Ficou a sua obra e o seu exemplo.

Se novamente se levantar a velha questão da sua verdadeira sepultura; poderemos supor que os seus ossos se desfizessem, voltando a terra que lhes fôra origem.

Pulverizaram-se talvez, mas a sua alma continuará a pairar, imortal, sublime, sôbre todos nós, a indicar-nos que



LUIZ DE CAMÕES

O único retrato que dizem existir, feito do natural, em Lisboa, por Fernando Gomes

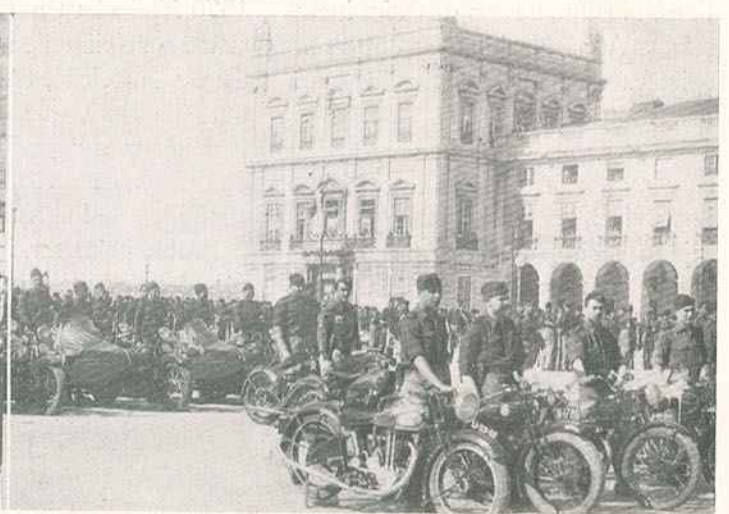
Esta é a dítosa
Pátria
minha amada!

ECOS

DA

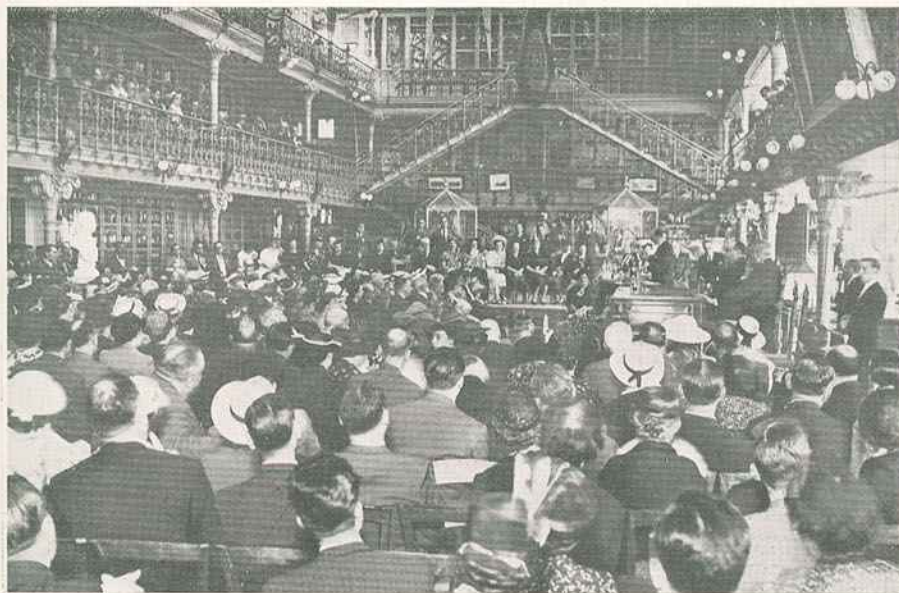
QUINZENA

Em cima e no centro, dois aspectos da ratificação do compromisso de honra de cerca de 8 mil legionários perante o Chefe do Estado, o Presidente do Conselho e os membros do Governo. Esta cerimónia foi de uma empolgante beleza, tendo o povo de Lisboa assistido a uma irrepreensível marca militar



No Instituto de Odivelas realizou-se, com a assistência do Chefe do Estado, a festa do encerramento do ano lectivo. Após a visita à exposição de bordados, chapéus, modas, rendas, tapetes de Arraiolos e arte aplicada, o sr. Presidente da República assistiu aos exercícios de ginmástica succa e rítmica, tendo manifestado ao sr. coronel Ferreira de Simas o seu agrado pelo que viu, felicitando-o pelo aproveitamento das alunas que souberam corresponder aos esforços e à competência dos seus professores

NOTÍCIAS DA QUINZENA



O sr. D. Nicolas Franco, novo embaixador de Espanha em Lisboa, dirigindo-se ao palácio de Belém a fim de entregar solenemente as suas credenciais ao Chefe do Estado. — *A' esquerda*: Um aspecto da assistência à conferência que Wenceslau Fernández Florez realizou na Sociedade de Geografia



O chefe da Mocidade Romena, comandante Sidorovic, visitando os barcos da «Mocidade Portuguesa». — *A' direita*: Um aspecto do banquete de homenagem oferecido pela «Revista de Marinha» ao almirante Magalhães Correia, autor do primeiro programa naval do Estado



Os novos pilotos com o secretário do Conselho Nacional e o instrutor Joaquim Castro, formados pela escola de Aviação Civil de Arraiolos que prestaram as provas regulamentares para a obtenção dos *brevets*

ACTUALIDADES DA QUINZENA



O sr. ministro da França com as demais pessoas que assistiram à festa de apresentação de Madame Janine Weill, professora da Escola Normal de Música de Paris no Instituto Francês. — EM CIMA, À ESQUERDA: O sr. Cardial Patriarca com o sr. dr. Francisco Gentil na visita que fez ao Instituto Português de Oncologia, em que viu minuciosamente o funcionamento da aparelhagem de raios X, o trabalho nos laboratórios de análises, o arquivo clínico, sala de tratamentos, enfermarias, tendo-lhe merecido os maiores elogios. Felizmente ainda há quem se interesse em debelar os terríveis males que aligem a Humanidade



O sr. general Amilcar Mota, representando o sr. Presidente da República, na recita de gala do filme «Os Fidalgos da Casa Mourisca». Além do sr. general Amilcar Mota, vêem-se na gravura acima o realizador Artur Duarte e os principais interpretes. — A' DIREITA: O curso de artilharia da Escola Militar: o sr. tenente coronel Pereira Coutinho verificando os trabalhos de reconhecimento

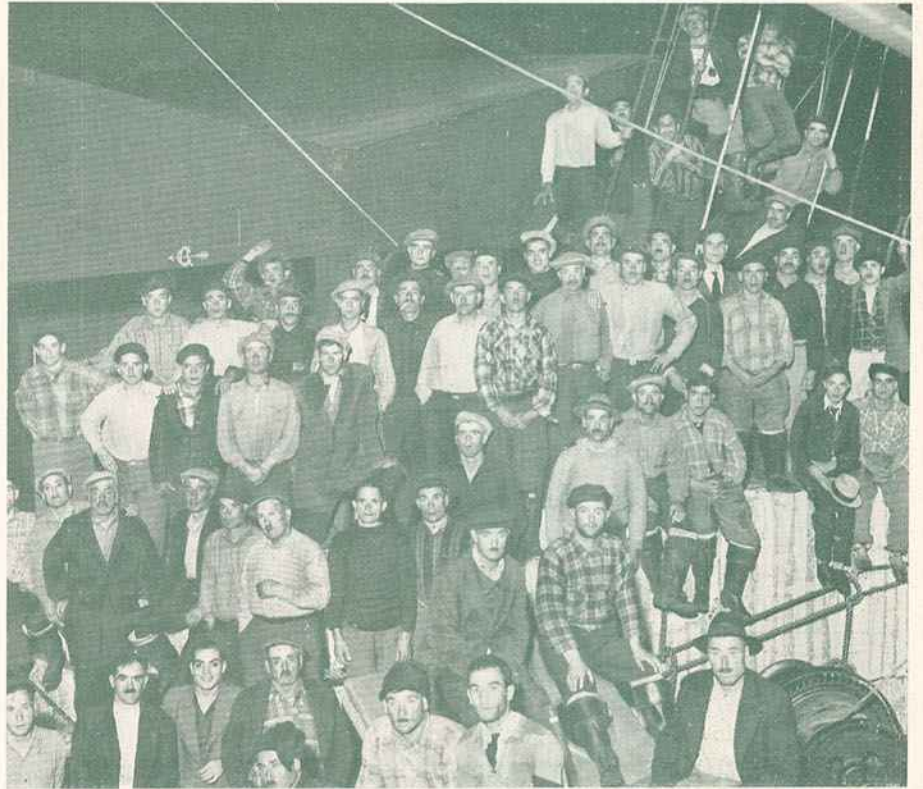


O sr. tenente Pires Monteiro com a direcção e professores da Escola Comercial Veiga Barão, onde lhe foi prestada uma eloqüente homenagem. O sr. tenente Pires Monteiro, instrutor do Centro da «Mocidade Portuguesa», apresentou uma classe de gymnástica que se exibiu com extraordinário brilhantismo, deixando em todos os presentes a melhor impressão. Depois, foi descerrado o seu retrato na sede do Centro da «Mocidade Portuguesa», e aí lhe foi oferecido, pelo corpo docente da escola, um «copo de água», durante o qual usaram da palavra alguns dos professores daquele estabelecimento. — A' DIREITA: O sr. ministro do Interior falando no acto da posse do novo governador civil do Funchal, dr. José Nosolini

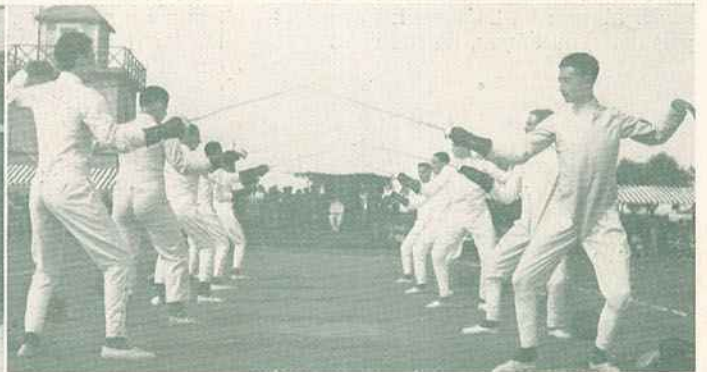
ACONTECIMENTOS DA QUINZENA



A valiosa maquette da estátua de Brotero que acaba de recolher à galeria do Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto, a par de alguns dos mais preciosos trabalhos do grande escultor Soares dos Reis. — *A' direita*: Os náufragos dos lugres «Santa Regina» e «Bretanha», a bordo do «Lima»



O sr. presidente da Câmara Municipal do Porto com o rev. António Loureiro com algumas das crianças que tomaram na festa inaugural do Parque Infantil, no Palácio de Cristal. — *A' direita*: O sr. dr. José Pontes discursando no Sport Lisboa e Benfica por ocasião da distribuição dos prémios da prova de tiro «Armando Murta»



A maquete do primeiro arranha-céus de Lisboa que terá 26 andares, alcançando 100 metros de altura e dividindo-se em 1.610 divisões. Deve estar pronto em 1940, nas comemorações do duplo centenário da Fundação e Restauração de Portugal. — *A' direita*: uma classe de esgrima, fazendo demonstrações na festa do fim do ano lectivo no Colégio Militar



Judeus polacos, num dia triste de pogromo, salvando os livros sagrados

NASCEU Isaac L. Perez em Samorz, governo de Loubin, e ali, num meio especificamente judaico, recebeu a educação tradicional do *ghetto*. Por uma curiosa coincidência Samorz, a terra natal de Perez, é uma terra grata para todos nós: ali nasceram Rabi Israel Samorz, o mestre de Mendelssohn, amigo íntimo de Lessing, escritor erudito e talmudista notável; o dr. Ettinger e Zederbaum, figuras que ocupam páginas íntimas na história contemporânea de Israel.

Monish é o primeiro poema de Perez, 1888, poema anunciador de obras de maior fômo. Em 1896 publicou as *Poesias Hebraicas* e em 1901, — 25.º aniversário da actividade literária e febril do escritor —, a Polónia e a América, os judeus da Polónia e da América, lançam no mercado a edição completa das suas obras em *yidish*.

A simultaneidade destas duas edições consagra definitivamente o escritor no velho e novo mundo. As obras de Perez estão traduzidas em russo, alemão, francês, inglês e polaco.

Isaac Perez foi durante muitos anos secretário da comunidade israelita de Varsóvia. Morreu há 23 anos. Eis as principais datas, ou *étapes*, da sua vida.

Foi devido a Perez que a poesia *yidish* saiu do *ghetto*; foi a sua vasta e profunda cultura secular, aliada a uma grande cultura judaica, que rompeu as paredes do *ghetto*.

Deslumbrado pela cultura europeia do seu tempo, pela cultura russa e pela cultura da Europa ocidental, Perez fez a aliança entre a Europa e o *ghetto*. Foi o primeiro poeta polaco da sua geração. Suas poesias e romances, por esse facto e desejo de expansão, perderam a côr local, pardacenta, negra, e encheram-se de uni-

versalismo. Foram as poesias deste pequeno talmudista os cartazes luminosos da poesia *yidish* — foi através da sua obra poética que o mundo reconheceu que os *ghettos* longes da Polónia tinham alma e vibravam, possuíam seu drama interior. Perez foi o grande cantor do amor. O amor para Perez tinha significação diferente, muito diferente do que para H. Heine, o maior lírico alemão do noventaes.

Tôda a poesia amorosa de Heine, o poeta enamorado de Esther Heine, sua prima, que a vida lançou nos braços de outro, é o cântico do amor desesperado, incompreendido, fatal e fatalista, sonho acalentado e desfeito, vitória mutilada. Heine, mestre de Perez, possivelmente o poeta que maior influência exerceu sobre a sua obra, era um filho do *ghetto* alemão.

Heine é o produto do drama judaico; é próprio diz sofrer de uma doença incurável "o mal de ser judeu". Heine é o génio doente de Israel. Perez é o poeta do cotidiano judaico, da vida judaica. Um gerou o drama, o outro sentiu e descreveu o drama.

Perez é um amoroso irónico, permitam-me o paradoxo, um amoroso alegre. Doseia o optimismo e a melancolia, o cinismo e a ternura, a lágrima sentida e a gargalhada irónica.

Poeta genial, no comentário justo do seu maior crítico, os seus versos são perfeitos, ligeiros, harmoniosos, ricos de sons, cadenciados, a-pesar de tudo, é uma nova Jerusalém; contudo revolta-se contra a injustiça que campeia e medra nos meios industriais e reduz os operários judeus a escravos de patrões e máquinas. É esta luta diária que prende e absorve a sensibilidade do poeta. Perez transforma-se, então, no poeta dos revoltados; as suas poesias são mais fortes e incisivas do que as poesias sociais de Rosenfeld.

Curiosa, muito curiosa, esta fase da vida e da obra de Perez. Tôdas as excepcionais faculdades do poeta e do pro-

A POESIA DE ISAAC L. PEREZ

A miséria ancestral e a dor de Israel

de manejar o *yidish*, língua em formação, pobre, difícil de trabalhar e humanizar.

Para este escritor o *yidish* é uma língua feita para exprimir a dor, as lágrimas de um povo que sofre há milhares de anos; uma língua para exprimir o sofrimento, a tragédia dos *pogromos*, e não uma língua terna, na qual as palavras de amor rolem com facilidade.

Quem possuir conhecimentos suficientes sobre a história de Israel, de Israel na Rússia, na Polónia, na Roménia, nos gelos dos Carpatos, e conhecer, ou tiver lido, as descrições dos *ghettos*, a vida miserável de milhares de judeus que diariamente sofrem as piores humilhações, os quais se sentem separados do resto da humanidade por intransponíveis muralhas de ódio, quem tiver lido a descrição de certos *pogromos* — há três espécies de *pogromos*! — ou tiver chorado sobre as admiráveis reportagens de Albert Londres, *Eu encontrei o judeu errante* compreenderá facilmente as razões apontadas por Perez: o *yidish* não é, não pode ser uma língua rica em expressões graciosas e perfumadas, antes é uma língua privada de certa felicidade — aquela felicidade que falta aos tristes e infortunados habitantes do *ghetto*.

Paira sobre o *yidish*, a língua de Perez, a fome e o sofrimento, a dor e a humilhação, a miséria, o ódio, a eterna esperança de um messias sempre aguardado, de manhã, à tarde e á noite, e que nunca chega. Paira sobre o *yidish* o sangue quente dos *pogromos*, a eterna incerteza do futuro, a própria morte.

Algumas das poesias de Perez, filosóficas e satíricas, ridicularizam os rabis *chassidistas* e o transviado messianismo das massas judaicas.

As poesias de baixo reldvo social são talvez, na opinião acertada dos críticos alemães, as melhores poesias do poeta, as mais sentidas, poesias que tratam da questão social em tôda a sua amplitude e vastidão.

Para a totalidade dos poetas do *ghetto*, a questão social resumia-se ao próprio *ghetto*, horizonte limitado pelas muralhas; para Perez a questão social amplia-se, envolve e abraça tôda a humanidade. Perez, habitante da cidade, sabe que Varsóvia, a-pesar de tudo, é uma nova Jerusalém; contudo revolta-se contra a injustiça que campeia e medra nos meios industriais e reduz os operários judeus a escravos de patrões e máquinas. É esta luta diária que prende e absorve a sensibilidade do poeta. Perez transforma-se, então, no poeta dos revoltados; as suas poesias são mais fortes e incisivas do que as poesias sociais de Rosenfeld.

Curiosa, muito curiosa, esta fase da vida e da obra de Perez. Tôdas as excepcionais faculdades do poeta e do pro-

sador, tôda a miséria ancestral do *ghetto*, tôda a revolta aferralhada durante séculos, a dor de longas noites de vigília, a febre contida nas caves, milhares de pessoas acotovelando-se durante as horas intermináveis dos *pogromos*, transformaram o poeta genial em um novo Ezequiel.

São desta fase as poesias *As trêsatureiras*, cuja cadência e sofrimento nos trazem à memória a *Canção da Camiza*, de Thomas Hood.

Estas canções de Perez são frias e insinuantes, cheias de sombras, de pensamentos tristes, têm o ritmo doente das agulhas que não param nunca; lembram os nevoeiros de Londres, as noites sem lua, a candeia sem azeite, sombras sem alma, a tragédia dos campos arditos, impossibilitados de gerar, ventres em cujo interior maldito a semente morre e não germina.

Outra poesia célebre de Perez *O Vestido de noiva de outra mulher* é, ainda, uma poesia de fundo social e injusto, a tragédia dos que não podem chegar.

Lochebed, poesia de antologia, é a vida da mãe de Moisés, ama do seu próprio filho, que ela não pode acariciar, temendo denunciá-lo e perdê-lo.

Nesta admirável poesia, a mãe de Moisés, escrava, semeia, em silêncio, no coração do filho, através do seu leite, o germe da revolta.

É tôda a tragédia dos escravos, servos da gleba! Grandioso o sonho desta mãe: a meditada transformação do filho no libertador do povo escolhido.

Lochebed é, para todos nós, o símbolo da revolta, a revolta dos escravos! Quantas mães polacas, russas, romenas, alemãs ao amamentarem seus filhos na milenária escuridão dos *ghettos*, não recitaram mentalmente estes admiráveis versos de Perez e soluçaram, implorando, que seu leite fôsse o raio de luz, o grito do sol!

Quem sabe, santo Deus, se a mãe de Shwarzbard, herói de Israel, não recitou estes admiráveis versos ao amamentar seu filho?

Só os povos infelizes têm história. Tão grande tem sido, através dos séculos, o sofrimento de Israel que a sua história é das mais belas da humanidade.

As faculdades criadoras de Perez ampliam-se quando escreve prosa, quando faz romance ou novela.

Pertence à escola dos realistas russos. Não é um influenciado ou um discípulo: é um dos mestres dessa escola literária.

Tôdas as páginas de Perez nos denunciam um grande escritor; algumas delas só podiam ter sido escritas por ele, tão

forte é a sua individualidade, o seu personalismo formal.

Duas grandes preocupações o atormentam, moldam e circundam todos os seus pensamentos: a simplicidade e o amor da verdade, dar em tintas exactas tudo quanto os seus olhos dissecam. Um poeta lírico realista, girão alguns? Sim: um poeta lírico, escritor realista. Perez alia duas faculdades extraordinárias: a profunda emoção e o exacto desenho das personagens.

Tôdas as simpatias deste escritor convergem nos tipos humildes, farrapos humanos que sofrem e se digladiam e arrastam uma vida sombria, miserável.

Como Tourgenieff, como Dostoievsky, os seus olhos claros, habituados ao sofrimento, ao espectáculo da dor procuram e sondam as almas que sofrem, os temperamentos doentios; procuram e sondam para nos contarem, em páginas transbordantes de ternura, que bem dentro daqueles corpos, esfarrapados pela vida, existem almas, muitas das quais estão prenhes de sonhos e ocultam verdadeiros tipos de heróis, desgastados e consumidos, delidados, ternos, cheios de grande beleza moral.

Os corpos foram corroídos pela vida: as almas ficaram intactas!

Seria muito longo fazer desfilar neste instante as principais figuras da obra de Perez. Uma delas, por exemplo, *O Comissionista*, é um velho judeu de 60 anos, tipo faminto que labuta todo o dia para comer e nas longas tardes de inverno, coberto de neve, atravessa e percorre caminhos distantes para ir entregar ao grossista uma considerável soma de dinheiro. A labuta deste homem tem dezenas de anos. Sente-se velho, abatido e doente. Tudo o chama e curva para a terra: as longas, intermináveis noites de estudo, a fadiga, a fome, o frio, a preocupação do dever a cumprir.

Perez desenha com raro virtuosismo esta figura, este velho tipo de judeu, trabalhador, crente, estudioso, amalgama de profeta e de homem.

Uma tarde a fadiga é maior. No acanhado cérebro do comissionista tudo se agita, ferve e emmaranha. Ouve vozes: entrecrocaram-se pensamentos. O consciente e o inconsciente fundem-se. Curva-se mais. As sombras sem alma ficam mais escuras, negras. Tomba. No outro dia encontraram-no morto na estrada, coberto de neve, a mão direita sobre o peito, apertando o dinheiro do que era portador.

A Cave é outro romance de Perez, sombrio e triste, o romance dos pobres, o romance de um canto escuro que alberga uma família numerosa. Nesta cave, a-pesar-de tudo, a sensibilidade do escritor descobriu um páldio raio de felicidade.

Cito a correr alguns dos mais notáveis livros de Perez: *Quadros de viagens*, *A História dos ghettos polacos*, *Durante a epidemia*, *O Bailen louco*, *Mendel*, *o marido de Braine*, *A côrera de uma judia*, *Entre duas Montanhas*, a mais notável do ciclo das novelas *chassidistas*.

O Casaco de Peles é uma novela satírica. Ocupa um lugar à parte na vasta obra de Perez. Tôda a obra deste escritor,



Isaac L. Perez

tôda, vasta, imensa, cheia de emoção, dolorosa — Perez foi um admirável criador de almas! — o coloca junto dos escritores clássicos do seu tempo. Poder-se-ia afirmar sem receio de desmentido que Perez e Abramovitch foram os maiores escritores da língua *yidish*. Todos os cultores deste género de literatura, polacos ou americanos, são discípulos de Perez.

Foi este escritor quem arejou e ventilou, criando, a sua própria língua. Deve-se a este escritor genial, ao autor dos *Quadros e recordações de viagens*, a criação de um *yidish*, e de uma literatura *yidish* moderna e universal.

Só o génio de Perez, a sua rara sensibilidade, o seu forte poder de emoção, a nítida visão que êle possuía da tragédia de Israel, amassada em lama e sangue, eram capazes de sentir e descrever a tragédia milenária dos *ghettos*, os seus habitantes, verdadeiros emparedados em vida.

Só depois de ter lido alguns dos livros de Perez, as recordações vivas e palpantes das judiarias polacas, comecé a compreender e a sentir o drama dos judeus polacos.

Perez é um caso raro na literatura de um povo. Pertence à linhagem dos Gorkis: foi um dos mestres da literatura realista russa.

Como Gorki, o vagabundo genial, viveu os tipos que a sua sensibilidade criou. Foi nas ruas estreitas dos *ghettos*, nas caves silenciosas, nas casas dos rabis *chassidistas*, nas ruelas e nas pequenas lojas, sem luz, sem ar, isentas de alegria, na própria tragédia dos seus habitantes, no centro de uma vida horrível que não é vida que Isaac L. Perez encontrou e estudou as personagens das suas novelas, romances e ensaios. Ninguem melhor do que êle compreendeu e sentiu a vida dos *ghettos*, a miséria ancestral e a dor de Israel.



O pintor Souza Pinto

SOUZA PINTO, o grande pintor português, que tanto nos honra no estrangeiro, acaba de expôr no Salon des Artistes Français o seu recente quadro *Le Frisson* que constituiu mais uma consagração do seu talento pictórico.

Tôda a imprensa francesa se referiu a mais êste triunfo alcançado pelo glorioso autor da tela *À espera dos barcos*, tendo até o "Beaux Arts", "Le Temps", "Excelsior", "La Vie" reproduzido nas suas páginas de honra o novo trabalho do ilustre pintor português.

Houve já quem dissesse, por falta talvez de assunto ou pontinha de inveja, que Souza Pinto, à fôrça de viver em Paris, se desnacionalizara. Não é verdade. Quem percorrer a sua vasta galeria de obras primas, encontrará sempre o artista português que, acompanhando a evolução da arte, nunca esqueceu a Pátria de cujo seio carinhoso lhe vem a mais bela inspiração.

Não se dirá que um diplomata, lá pelo facto de levar a sua vida por terras estrangeiras, se desnacionalizasse. Pelo contrário, é um vigilante da dignidade, interesses e glória do seu país. Se a pintura portuguesa tivesse um embaixador em França, êsse embaixador seria Souza Pinto.

Qualquer honraria que o toque, honra também a sua terra. Quando houvesse quem pretendesse ignorar além fronteiras que em Portugal há pintores — e grandes pintores — bastaria a presença de Souza Pinto para que surgisse logo o mais natural comentário:

"Mas se Souza Pinto é português, Portugal é berço de grandes artistas!"

Longe da Pátria, é certo, êste ilustre pintor deixou o coração na terra em que

SOUZA PINTO

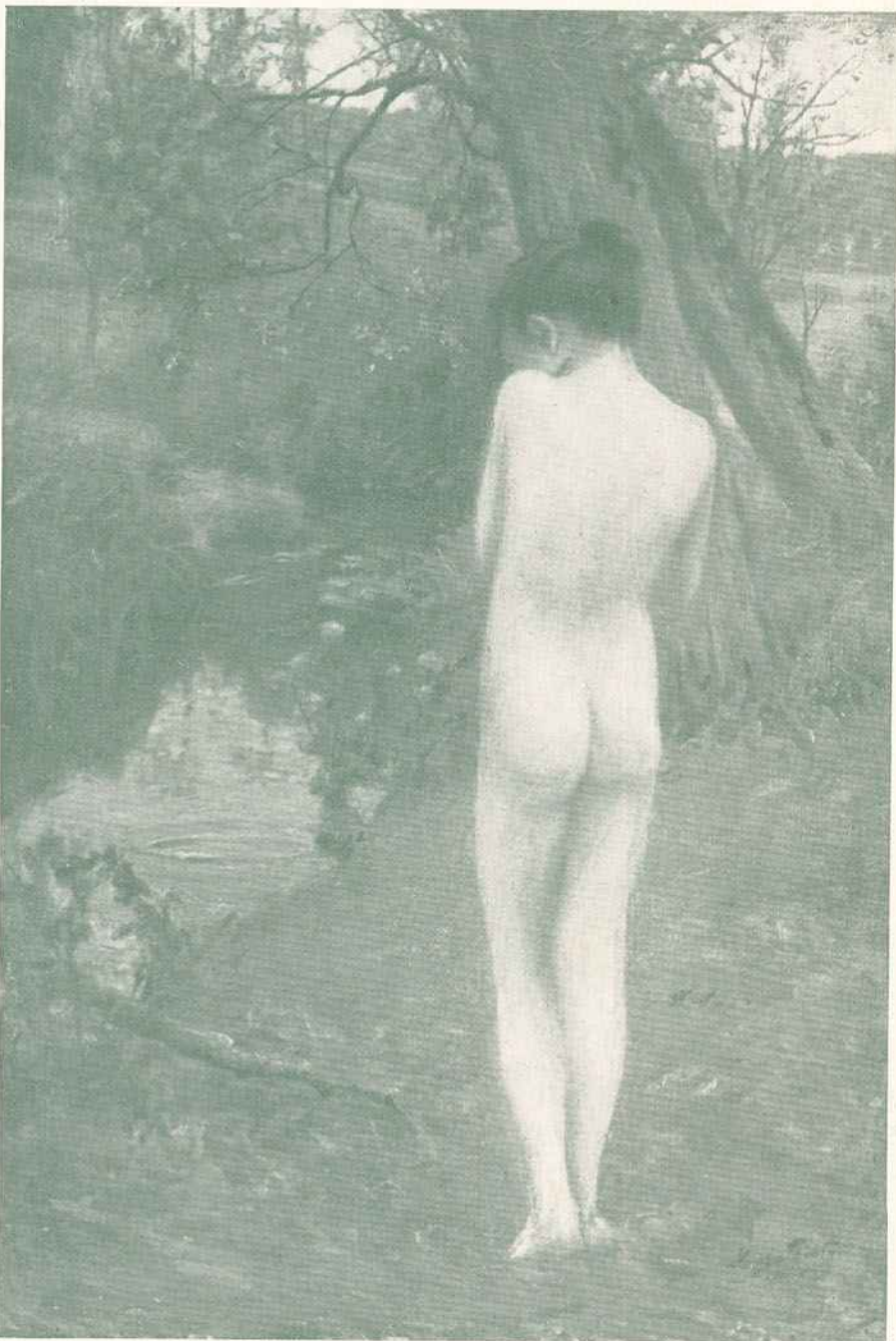
PINTOR PORTUGUÊS

nasceu, não a esquecendo um só momento. E, assim, sempre que surge qualquer acontecimento notável, êle aparece sempre com o donativo valioso da sua colaboração. Quando o nome de Soares dos Reis foi enaltecido nestas páginas, logo Souza Pinto apareceu a evocar essa época saúdosa em que conviveu e rece-

beu lições do excelso artista de Mafamude.

Isso nos encanta, entenece e faz protestar quando ouvimos dizer que Souza Pinto se desnacionalizou.

Não e não. Êste artista é hoje, pelo seu talento e abnegação, mais português do que nunca.



Le Frisson — quadro de Souza Pinto no Salon des Artistes Français

A TRISTE HISTÓRIA DO CONDE DE VILLAMEDIANA

DE todos os quadros de Diego Velasquez, isto é, de todas as obras primas do grande mestre espanhol setecentista que deixou o seu nome indelévelmente gravado na História da Pintura ao lado do de Rubens e Ticiano, aquelas que mais atraem os meus olhos de artista ávida de beleza são a "Venus do espelho" e "Apolo nas forjas de Vulcano", mas aqueles que me fazem sonhar, que falam, que entram, por assim dizer, em comunicação com a minha alma de sensitiva (de "eterna romântica", como dizem os materialistas) são os retratos da rainha Isabel de França, primeira mulher de Filipe IV de Espanha.

Isabel de França interessa-me, não só porque foi uma grande soberana (uma das mais nobres, senão a mais nobre, que o vizinho país conheceu) mas porque foi uma amorosa infeliz, heroína dum trágico romance de amor.

Escreveu, um dia, alguém que apenas restam dois retratos da rainha Isabel de França. Nada menos verdadeiro. Existem, espalhados pelo Louvre, Prado, Hampton-court e outros museus e galerias de Londres, Copenhague e Viena, seis ou sete retratos da excelsa princesa. Ao contrário do que muitas vezes sucede, êsses retratos parecem-se imenso uns com os outros. É sempre a mesma imagem que nos surge nas diferentes telas: a duma mulher morena que consegue o milagre de parecer ainda jovem e bela no seu desgraciosíssimo traje coberto de pedrarias à moda da corte espanhola do século XVII e no seu extravagante toucado. Nas mãos, tem quasi sempre um leque fechado e um lenço de fina cambraia. Nalgumas dessas telas, as pupilas da filha de Henrique IV aparecem alegres, imensas, luminosas como duas estrêlas. São os retratos dos olhos que riem. Noutros, mostram-se velados, abatidos, nostálgicos como duas flores de luto. Lê-se neles o desânimo, a tristeza imensa de alguém que viu as suas ilusões murchas ainda em botão e as suas mais queridas esperanças ceifadas, uma a uma, pela fatalidade. São os retratos dos olhos que choram.

E bem cedo aquelas pupilas maravilhosamente negras de italiana, aquelas pupilas que nós, ainda hoje, graças ao mágico pincel de Velasquez, podemos ver na tela como que húmidas das lágrimas em segrêdo vertidas, conheceram o amargo sabor do pranto.

Um dia (tinha ela então oito anos) estava Isabel no Louvre, junto de sua preceptora, madame de Monglat quando todo o palácio tremeu, pode dizer-se, sob uma trovoadade de passos precipitados e de gritos aflitivos. Madame de Monglat levantou-se, de chofre, abriu a porta da sala e correu a saber o que significava aquele tumulto. Atrás dela, como um bando de

passarinhos assustados diante da tempestade, lançaram-se os principesinhos filhos de Henrique IV.

Ao chegarem à galeria, o primeiro gentil homem que encontraram respondeu com êste grito de desespero às perguntas de madame de Monglat:

— O rei foi assassinado!

A dor pintava-se em todos os semblantes. Como mais tarde disse alguém, a face de Ravaillac trespassara, não só o coração de Henrique IV, mas também o da França!

A aia agarrou as crianças, procurando ocultar-lhes a verdade. Era inútil. Êles tinham ouvido e — os seus gritos e soluços o diziam — tinham compreendido tudo.

Todos, especialmente Isabel, haviam compreendido que o seu adorado pai, aquele pai tão bom, tão afectuoso, que, tantas vezes, vestido de gala, com a fita azul da Ordem do Espírito Santo ao pescoço, pronto para receber os embaixadores estrangeiros, viera misturar-se aos seus folguedos, não voltaria mais...

Eram as primeiras lágrimas de Isabel e, infelizmente, não haviam de ser as últimas...

Dias depois, Henrique IV era solenemente conduzido à Abadia de S. Deniz, para lá ficar dormindo o último sono ao lado dos seus predecessores.

Mas em França, nesses tempos, o rei nunca morria. Estava vivo, na pessoa do seu legítimo herdeiro. O filho primogénito subiu ao trono com o nome de Luiz XIII. A rainha viuva, Maria de Médicis, assumiu a regência e os anos esvoaçaram rápidos sobre o velho Louvre dos reis.

Isabel de França, *Madame*, como lhe chamavam na corte, cresceu, fez-se mulher. Aos treze anos — a idade ideal contada por Ronsard — era uma linda rapariga herdeira da beleza e elegância dos Médicis e da graça e espírito dos Bourbons. Vista, parecia mais italiana do que propriamente francesa. Com os seus formosos olhos negros, enormes profundos voluptuosos ("olhos em coração") como diria o espirituoso Castiglione, os seus traços delicados e nobres, a sua pele alva como a flor da magnólia, ela assemelhava-se extraordinariamente a essas patricias da corte dos Medicis que passam, vestidas de madonas, ou de deusas, nos quadros dos mestres florentinos.

A existência da princesa já não era então um céu sem núvens. Muitas vezes, quando, das janelas do palácio, olhava as águas do Sena que reluziam ao sol azuis, verdes, brancas, palhetadas de centelhas de ouro e prata como as túnicas maravilhosas dos contos de fadas, ou ainda, quando passeava à sombra dos carvalhos seculares do parque de Fon-



Isabel de Bourbon, por Velasquez

tainebleau o sorriso, repleto duma sedução irresistível (sorriso encantador do pai bearnês) que habitualmente lhe brincava nos lábios desaparecia e uma névem de tristeza toldava o límpido fulgor do seu olhar...

É que ela sabia-se condenada, condenada a, dentro em pouco, deixar para sempre a Pátria, a dizer adeus para sempre à Família e a todos aqueles que amava, a fim de ir reunir-se, em Espanha, ao príncipe, seu noivo.

Sim, em contrário às últimas decisões de Henrique IV, Maria de Médicis decidira romper os projectados esponsais com as Casas de Saboia e Lorena e reconciliar a corte francesa com a espanhola por meio dum duplo enlace. O moço rei desposaria a infanta D. Ana de Áustria e a princesa Isabel o príncipe das Astúrias.

A filha de Henrique IV tinha pois que partir para Espanha, para êsse país maravilhoso onde — diziam os poetas — o sol tinha mais brilho, as flores mais perfume, os frutos mais sabor, mas onde, também, princesa alguma, filha de França, encontrara a felicidade.

Isabel não ignorava, nem podia ignorar essa velha tradição. Quem é que, em França, não se lembrava de Branca de Bourbon, a doce princesa alva de nome, corpo e alma, que o marido, o sangüinário Pedro o cruel, cego pelas voluptuosas carícias de Maria Padilla, não hesitara em mandar assassinar?

E Germana de Foix, primavera sacrificada a um inverno, em nome da razão de Estado? E Isabel de Valois, a bela filha de Henrique II, atirada, aos quinze anos, para os braços do sinistro Filipe II, o Demónio do Meio Dia, e morta, aos vinte e três, levando consigo para o túmulo o segrêdo da sua morte?

Mas era forçoso partir e, um belo dia, nos fins de 1615, Isabel de França, acompanhada pelo rei, pela rainha, regente e por um numeroso e luzido séquito comandado pelo duque de Guise, tomou o caminho de Espanha.



Felipe IV, por Velasquez

Em Hendaya, junto às poéticas margens do Bidasoa, efectuou-se a cerimónia da troca das duas noivas. Os franceses receberam a linda infanta de cabelos loiros e pupilas de jade e os espanhóis a bela princesa de tranças negras e olhos de azeviche.

A juvenil e brilhante nobreza francesa, embora, no íntimo, irritada com aquela aliança — obra da política inhábil de Maria de Médicis — que ia colocar no trono a filha do “Espanhol”, inimigo inveterado da França, acolheu D. Ana de Áustria, com a mais requintada galanteria.

Ao contrário, os enviados espanhóis — orgulhosas *dueñas* e altivos *hidalgos* que pareciam arrancados às telas de Pantoja de La Cruz — acolheram Isabel de França com um cerimonial intenso, sem manifestarem o menor entusiasmo, ou alegria. De soslaio, cavaleiros, eclesiásticos e damas olhavam essa princesa filha do “Huguenote”, que haviam escolhido para esposa do herdeiro do Rei Católico.

Segundo o uso prescrito pela etiqueta palaciana desde séculos, as damas fizeram-lhe despir os seus trajes. Uma princesa das Astúrias, futura *reina de Espanha*, tinha que se vestir à moda da corte, onde o destino a chamava a reinar.

Tristemente, como uma noiva a quem obrigassem a trocar o seu poético e rissonho vestido nupcial por um esplêndido, mas sombrio, vestido de viúva, a princesa despojou-se dos seus trajes — os seus lindos e graciosos trajes feitos em Paris — e envergou as vestes que as *dueñas* lhe apresentaram.

Vestiram-na, pentearam-na e tocaram-na. Depois, conduziram-na ao espelho. Isabel de França olhou-se tristemente e, durante largo tempo, quedou-se pensativa.

Era bem o traje designado para essas princesas e rainhas de Espanha a quem, era, por assim dizer, proibido serem mulheres. Nada de decotes, de rendas, de fitas, nada enfim, desses ornatos que fazem tóda a graça, todo o encanto, tóda a

poesia mesmo, do vestuário feminino. Como era feio, como era triste, como era desgracioso, aquele traje! A gola de fina cambráia encanudada abafava-lhe o pescoço; o corpete barbeado apertava-lhe o busto como o faria uma couraça de ferro e tódas as restantes partes do corpo desapareciam sob a cúpula imensa do vertugadim. Que alegria, que animação podia mostrar o rosto dum ente vestido não, aprisionado, na verdadeira fortaleza que era aquele traje de brocado de ouro e prata coberto de pedrarias?

Depois, foi a partida para Burgos, onde o rei D. Felipe III a esperava acompanhado pelos Grandes da sua corte; o encontro com o príncipe dos Astúrias e a entrada solene em Madrid, entrada essa duma pompa, dum brilhantismo e duma magnificência absolutamente inexcedíveis.

Conduziram-na cerimoniosamente ao Palácio Real. Instalaram-na nos aposentos destinados às rainhas, mas, dada a pouca idade dos nubentes, Felipe III houve por bem adiar, para mais tarde, a consumação do enlace.

A resolução era sensata, mas os resultados foram desastrosos. Os anos passaram. O pequeno infante transformou-se num adolescente. Floresceu nele a puberdade com todos os seus desejos e com tódas as suas ânsias e depois, como lhe vedavam o direito de conhecer a volúpia nos braços da esposa foi experimentá-la junto da primeira que se lhe deparou. E dos braços dessa, passou para os de outra, e dos dessa outra para os de outra ainda... Em breve, tódas as *gitanas*, cómicas e burguesas de Espanha sonharam que, com quanto fôsem jovens e belas e soubessem amar, poderiam aspirar a dormir, pelo menos uma noite, no leito do príncipe das Astúrias.

E, obcecado pelas imagens de tódas essas cobras de volupia, Felipe esqueceu-se de cortejar, de amar a virginal flor de lys que um dia lhe pertenceria como esposa. Como o havia de perturbar a êle, um materialista para quem só o amor-prazer existia, os suaves perfumes dos jardins de Platão, a êle que vinha completamente embriagador com os violentos e sensuais perfumes dos jardins de Epicuro?

No dia em que o foram arrancar à paternal magnífica que era a sua existência, para o unirem de *verdad* à esposa, o príncipe obedeceu alegremente. Isabel de França era jovem, bela, tinha uns lindos olhos negros que prometiam mundos de ventura sensual. O sacrifício de a amar, para dar herdeiros à coroa de Espanha, para perpetuar *in secula seculorum* a raça de Carlos V, era doce e agradável de cumprir.

Uma noite, deixaram-nos, sós. Êle tomou-lhe as mãos e disse-lhe algumas frases, repletas duma galanteria preciosa que teriam merecido a aprovação do velho Gôngora.

Ela entregou-se tóda, pronta a amar, a amar até à morte, êsse belo adolescente loiro, de olhos azuis, mais austríaco do que propriamente espanhol, que lhe abria os braços, louco de entusiasmos...

Curto idílio, passageira felicidade, breve ilusão... Volvidos meses, as *gitanas*, as

cômicas e as burguesas galantes de Madrid viam, de novo, o príncipe herdeiro rendido a seus pés...

Isabel, ferida na sua dignidade de mulher e no seu orgulho de princesa, sofreu cruelmente com a inconstância do marido, e, como tódas as esposas atraídas, sentiu-se cansada da vida, desejou morrer e declarou a si própria que o seu coração estava morto.

Não estava morto, não. Achava-se simplesmente adormecido e, tanto não estava morto que despertou no dia em que o destino, ou antes a fatalidade, trouxe à sua presença D. Juan de Tassis y Peralta, conde de Villamediana.

Já então Isabel de França trocara o seu título de princesa das Astúrias pelo de rainha de Espanha. O filho do Demónio do Meio dia fôra reunir-se, no Escorial, aos seus antepassados e o príncipe herdeiro, proclamado rei com o nome de Felipe IV, ascendera ao trono.

Com a morte de Felipe III a filha de Henrique IV perdera o seu único amigo e protector na corte espanhola. Só lhe ficaram inimigos que, sabendo-a pouco amada pelo soberano, todos os dias lhe infligiam humilhações que uma burguesa não toleraria, quanto mais uma princesa de sangue real.

Nas suas cartas para França dirigidas ao irmão mais velho — êsse irmão que ela tanto amava e por quem era tão amada — Isabel nunca se queixava, mas quem, ainda hoje, releia essas missivas e souber ler nas entrelinhas, sentir-se-à comovida perante a melancolia imensa, o desânimo absoluto que transparece nessas páginas. E como não havia a rainha de ser tão infeliz! Ela que verdadeira filha de Henrique IV (*le bon roi Henriot*, como dizia o povo) era a mais simples das criaturas e adorava a liberdade, via-se aprisionada pelos pesados grilhões da etiqueta. Ela que era de seu natural alegre como um passarinho, vivia numa corte, onde era quasi proibido rir, onde cada um dos seus gestos, das suas palavras, tinha que ser regulado pela *camarera mayor*. Ela que amava o amor e que se sentia bastante inteligente para exercer o poder, via-se, ainda com o marido vivo, afastada do amor e do poder...

Dia, a dia, Felipe IV (arrastado pelo seu favorito, o primeiro ministro D. Gaspar de Guzman, conde-duque de Olivares, que para o desviar da direcção dos assuntos de Estado e da influência da rainha o incitava aos maiores deboches) se afastava mais da esposa. Como poderia esta prendê-lo, se o monarca não encontrava nela as sensualidades que os numerosos e activos agentes do conde-duque (o qual como se está vendo, acumulava as funções de primeiro ministro com as de intendente do harem real) farejando tóda a Espanha, lhe proporcionavam?

Foi durante êsse período tão doloroso da sua existência de rainha que um dia, alguém lhe apresentou, com todo o cerimonial exigido pela etiqueta, é claro, D. Juan de Tassis y Peralta, conde de Villamediana, fidalgo nobre entre os mais nobres, poeta ilustre entre os mais ilustres, cavalheiro perfeito entre os mais perfeitos.

D. Juan de Tassis, aquele que tão bem dominava os adversários com a sua espada de Toledo, os touros de Andaluzia com os seus acerados rojões e as mulheres com o fogo do seu olhar, tinha então quasi quarenta anos — a idade em que os homens belos e requintados como ele era se tornam terrivelmente, diabolicamente, direi mesmo, fascinadores para as mulheres muito novas como era a rainha de Espanha.

Era um magnífico *viveur* porque gozara, vivera a vida, não digo criminosamente, mas tão elegantemente como o seu homónimo D. Juan.

Mulher alguma lhe soubera resistir. Mas, não era apenas a sua máscula beleza, o seu aspecto marcial, de capitão, as suas finas maneiras palacianas e o seu talento de poeta mesmo, que haviam fascinado tantas imaginações femininas. Era esse misterioso encanto (*sex appeal* chamamos-lhe hoje) que dimanando-se do seu olhar como um fluído magnético, a tôdas enlouquecia. Verdadeiro "génio sexual", o conde de Villamediana era um desses homens fatais destinados, como disse Saint Simon, a causarem as maiores desordens no amor.

Muitas mulheres tinham passado nos seus braços, até ao dia em que beijou, pela primeira vez, as belas mãos pesadas de jóias da sua rainha. Mas nenhuma passara no seu coração...

Muitas, muitas mesmo, tanto em Espanha, como em Portugal, como em Itália.

D. Juan de Tassis y Peralta experimentara todos os géneros, todos os tipos da beleza feminina: desde as orgulhosas grandes damas espanholas, vestidas de veludo negro e rendas, até às gitanas de pele dourada, cobertas de farrapos multicores; desde as portuguesas, de grandes olhos tristes, iluminando as faces trigueiras, até as venezianas, de tez ambarada, pupilas sombrias e cabelos loiro fulvo; desde as florentinas delgadas e vibrantes como harpas eólicas, até as napolitanas — essas napolitanas de formas esculturais que tão bem sabiam amar como, chegado o momento, apunhalar!

Porém, nenhuma dessas mulheres que, desde o tempo em que jovem estudante cursava a Universidade de Santiago de Compostela, até à data do seu regresso de Itália, haviam passado na sua existência, conseguira inspirar-lhe um sentimento. É preciso distinguir. Desejo não significa amor. Ter uma mulher nos braços, não é tê-la no coração.

D. Juan de Tassis y Peralta desejava ardentemente, possuir delirantemente, mas jámais soubera o que era amor.

Foi Isabel de França, a sua rainha, que ele amou, com todo o seu coração, com toda a sua alma, como nunca imaginara que se pudesse amar.

Outro qualquer homem, mais sensato, ao aperceber-se da sua louca paixão, teria fugido da corte, teria ido para longe, para muito longe dali. E, ou encontraria o esquecimento, ou ficaria toda a vida a amar um nome, uma saúde, uma recordação...

Ele, não, ficou. Ficou porque (novo Titã de amor) se sentiu capaz de escalar os cumes brancos do Olimpo, onde

reinava a excelsa filha de Júpiter sobre a qual usara erguer o vôo do seu desejo. Ficou, porque sentiu que, mais uma vez, o misterioso e fatal encanto que dimanando-se dos seus olhos como um fluído magnético a tôdas as mulheres enlouquecia, operara o seu maravilhoso sortilégio. A rainha amava-o.

Amava-o, amava-o sim, para que havemos de negá-lo? Com todos os seus defeitos e tôdas as suas qualidades brilhantes, Villamediana era a perfeita incarnação do fidalgo espanhol, tal como a imaginação francesa de Isabel o tinha sonhado. Era ele o homem que desejaria ter encontrado em Felipe IV. Era ele o homem que ela esperava. Era ele o homem que ela tinha fatalmente de amar...

Em breve se tornou notado em toda a corte o agrado com que a soberana recebia sempre o conde de Villamediana. Filipe IV notou-o, mas longe de se preocupar, achou absolutamente legítimo e natural que a rainha preferisse à sociedade do poeta ilustre, que tão belos sonetos dedicara à memória de Henrique IV, a companhia dos anões, bobos e cães que enchiam as antecâmaras dos palácios reais.

Fez mal, muito mal mesmo. O tempo da Renascença, em que os poetas como Luís de Camões e Torquato Tasso se contentavam em amar as suas princesas de puro amor ideal, sem ambicionar mais nada, como se elas fossem umas deusas intangíveis, havia passado definitivamente. E não era um sensual exaltado, um voluptuoso insaciável como D. Juan de Tassis que pensava em revivê-los...

Ao contrário, noite e dia, ele sonhava com a posse de Isabel de França, possuindo do mesmo entusiasmo, da mesma ânsia febril com que o Pygmalião da fábula sonhou com a brancura da sua estátua...

Mas para lhe falar de amor, para depor a seus pés o preito da sua adoração era preciso uma oportunidade e ele não a vislumbrava, cercada, comovia sempre a rainha, por uma turba de *dueñas* e *donzellas*.

Porém, a imaginação dos poetas é sempre fecunda em ardis e o conde acabou por descobrir o meio de provocar a tão desejada oportunidade.

A 15 de Maio de 1622 o palácio de Aranjuez — esse palácio célebre pelos seus magníficos jardins banhados pelo Tejo — estava em festa. Representava-se uma peça encantadora, cuja montagem fôra dirigida pelo conde de Villamediana, o árbitro das elegâncias de então. Chamava-se essa visão alegórica *La gloria de Niquea*. A rainha tomava parte, assim como a Infanta e outras damas da corte, na representação, cabendo-lhe o papel de deusa da formosura.

De súbito, quando o rei, bem como os Infantes e toda a corte, seguia, com a maior atenção, o decorrer da peça, as chamadas irromperam no palco.

Seguiu-se o pânico. Todos, rei, príncipe, corteãos e damas, fugiram em desordenada correria.

Nesse momento, D. Juan de Tassis, surgido como que por encanto quasi ao lado da rainha, tomou a soberana nos



Conde-duque de Olivares, por Velasquez

braços e desapareceu com ela por uma porta secreta, enquanto os maquinistas, como hoje se diria, extinguíram o fogo que, por ordem do conde tinham lançado. Tudo aquilo não passara duma comédia ideada pela mente fértil em ardis de Villamediana, para, durante algum tempo, se encontrar a sós com a rainha...

A porta dava para uma pequena escada que conduzia aos jardins.

Uma vez lá, D. Juan de Tassis y Peralta depôs o seu precioso fardo. Primeiro docemente, depois nervosamente, por fim, quasi brutalmente, apertou nas suas as mãos faiscantes de pedrarias da rainha, ao mesmo tempo que a olhava fixamente.

Um sorriso de triunfo espriava-se-lhe nos lábios. Estava tão certo da sua vitória, como certa estaria a águia real que, num vôo fulminante, caísse sobre um cisne branco...

As mãos de Isabel de França tremiam, escaldavam como que de febre, ao contacto das de D. Juan. Com as pálpebras semi-cerradas, ela escutava, como num sonho (um sonho que o seu pobre coração ávido de amor desejaria que fôsse eterno) as palavras do conde.

Cerrava completamente as pálpebras, mas parecia-lhe que continuava a ver (com os olhos da alma, sem dúvida) o belo cavaleiro, cuja nobre e varonil figura se destacava esplêndida, no fundo verde das árvores douradas pelo sol.

O que lhe dizia ele? As eternas palavras, os eternos protestos, todo o poema, enfim, de rendilhados versos que os amadores de hoje não sabem dizer.

Numa palavra, ofereceu-lhe a sua vida, ofereceu-lhe a sua alma...

Os olhos negros sonhadores e ardentes da rainha encheram-se de luz. Toda ela tremia, toda ela vibrava, nos braços de D. Juan. O peito arfava-lhe de emoção e os seus lábios entre-abriram-se como que para a florescência dos beijos... A hora da tentação, a chamada "hora do diabo", soara para Isabel.

Mas, qual é a pessoa que, no declínio da vida, olhando bem para traz, não se recorda de ter ouvido essa hora soar na

sua existência? Só Deus é verdadeiramente forte e a virtude nêle habita — como dizem os árabes.

A bôca do conde uniu-se à da rainha num beijo de fogo. Mas, o contacto desses lábios escaldantes, em vez de a entorpecer, despertou-a. A rainha correu em socorro da mulher que afrouxava e, embora com o coração sangrando de dôr, Isabel de França arrancou-se aos braços de D. Juan de Tassis y Peralta.

Momentos depois, Felipe IV, que já se desolava, julgando a espôsa morta, via-a surgir, numa das aleas, respeitosamente amparada pelo conde de Villamediana.

Primeiro o rei, depois todos os fidalgos e damas presentes, correram a felicitar o conde pela coragem e abnegação que mostrara, afrontando as chamas, para salvar a preciosa existência de Sua Majestade.

D. Juan respondia distraidamente aos cumprimentos e às vénias, olhando, de quando em quando, de soslaio, o conde duque de Olivares em cujos lábios errava um sorriso maquiavélico. Teria aquele homem, seu inimigo pessoal e — sabia-o — mais renhido adversário da rainha, adivinhado tôda a verdade?

Não adivinhara, não. Olivares, êsse gênio da intriga que havia de ser, no futuro, o anjo mau de Filipe IV e da Espanha, soubera tudo que se passara nos jardins, pela traição dum pagem do conde que, intencionalmente, peitara para espiar o amo.

O desejo de Olivares era perder, ao mesmo tempo, a rainha e o conde no conceito do rei, mas a tanto não se atreveu. Teve que se resignar embora, com desgosto, a, durante uma audiência, usando tôda a espécie de precauções oratórias, informar apenas o monarca da côrte que D. Juan de Tassis y Peralta, conde de Villamediana, *correo-mor* da côrte, ousava fazer a Sua Majestade a rainha D. Isabel.

Ao princípio Felipe IV recusou-se a acreditar em tamanha loucura. O que — pasmou — quando a etiqueta proíbia, sob pena de morte, que alguém tocasse na rainha, poderia existir um desvairado que ousasse erguer os olhos para a espôsa do seu soberano?!

No entanto, em face das provas evidentes que o favorito lhe apresentou, viu-se forçado a crer. Por sua vontade, Felipe IV limitar-se-ia a vingar-se do galanteador de sua espôsa, exilando-o para sempre da côrte, mas o primeiro ministro fez-lhe compreender que semelhante desforra não seria digna dum neto de Carlos V.

Uma hora depois, o estadista saía do gabinete real, tendo obtido, com relativa facilidade do versátil e fraco monarca que lhe desse carta branca a respeito do conde.

D. Juan estava condenado.

Por um requinte de perversidade, de verdadeiro sadismo, como que para saborear gota, a gota, a sua vingança, Olivares encarregou alguém de informar o conde de que na côrte se tramava a sua morte.

D. Juan era rico e podia ter fugido para França ou Inglaterra, mas não quiz. Um Tassis y Peralta — pensava êle, com tôda imptuosidade temerária e altivez da sua raça — nunca foge! Fugido a rainha desprezar-me-á talvez. Morto nunca me esquecerá!

Como outrora em Roma, Petrónio, o árbitro das elegâncias, procedera com Nero e Tigelino, Villamediana, decidido a morrer com grandeza, já que com grandeza vivera sempre, mostrou-se na côrte mais alegre e despreocupado do que nunca. Petrónio abrira as veias antes de chegar a sentença de Nero. Pois bem, êle, já que a espada de Damocles estava suspensa sôbre a sua cabeça seria êle próprio, com uma última bravata, que cortaria o fio, descarregando assim o golpe.

Numa tourada, realizada na Plaza Mayor a que assistia o rei, a rainha, Olivares e tôda a côrte, D. Juan apresentou-se para tourear com um fato todo coberto de pequenas moedas chamadas *reales*, levando por divisa esta frase: *Mis amores son reales*.

Perante a audácia do homem que ousava desafiar a morte, proclamando, à face de todos, o seu amor pela rainha, a assistência quedou-se muda de espanto.

Ave cesar, morituri te salutant! podia êle ter dito, inclinando-se diante da tribuna do soberano.

Passaram quási dois meses. Uma tarde, ao anoitecer, à hora triste em que o sol expira e o crepúsculo principia a cair numa chuva de cinzas finas, voltava o

conde, no seu coche, dum longo passeio na companhia do seu íntimo amigo D. Luiz de Haro quando, antes de chegarem a *Calle Mayor*, onde ficava situado o palácio de Villamediana, um homem embuçado, saindo do portal dos *Pellejeros*, se aproximou, fazendo sinal que parassem.

— Qual dos dois é o conde de Villamediana? — perguntou em voz alta.

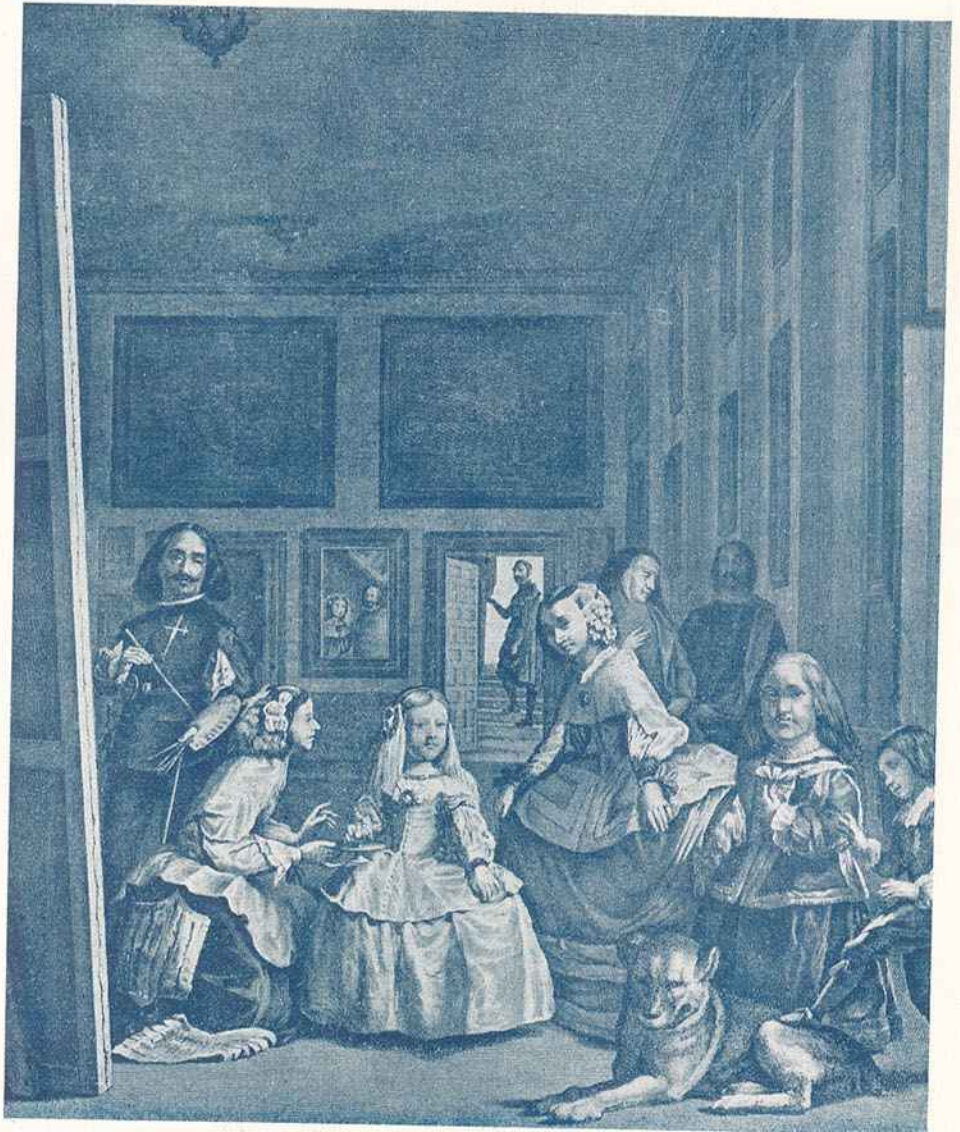
— *Soy yo* — respondeu êste, ao mesmo tempo que deitava a mão à portinhola do coche, para se apeiar.

O embuçado desembainhou uma adaga e lançou-se sôbre o conde. A ferida era mortal. D. Juan, compreendendo a quem pertencia o ouro que pagara o punhal daquele *bravo*, teve ainda um sorriso e murmurou: — *Esto es hecho!*

Num derradeiro esforço, sacou ainda a espada, galgou ainda o estribo, mas caiu para sempre, nas pedras da calçada, num lago de sangue.

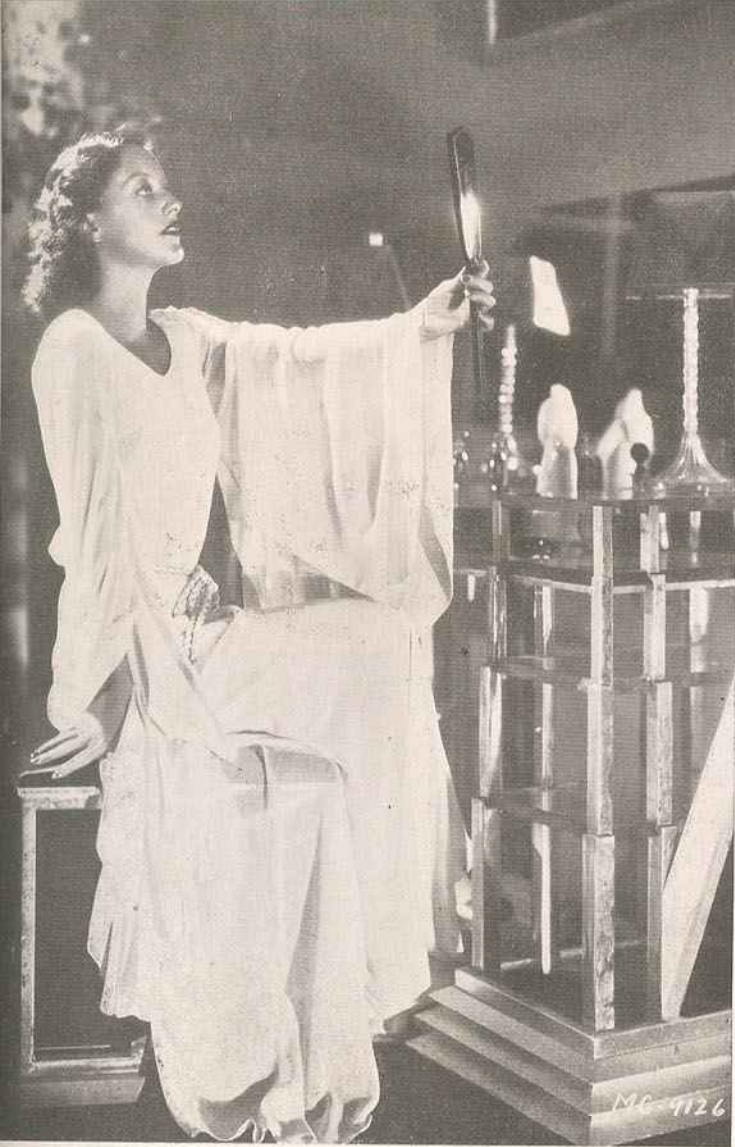
E assim morreu D. Juan de Tassis y Peralta, conde de Villamediana, aquele que vira deposto a seus pés os corações de quási tôdas as mulheres, do seu tempo, mas cujo coração só uma possuíra.

EUNICE PAULA



«Las Meninas» — quadro de Velasquez

UM MAL NECESSÁRIO



importassem do estrangeiro o que podiam obter em França.

Foi êle o primeiro que adoptou a tabuleta agora em moda: — Comproi productos nacionais».

Mas prevaricou, como qualquer reles mortal superficialmente patriota, repudiando uma antiga crioula da Martinica francesa e substituindo-a por uma austríaca.

No melhor pano cai a nódoa e mais depressa se apanha um mentiroso do que um côxo, dizes do povo que é bem certo serem vozes de Deus...

Foi empurrado pela política e pela diplomacia internacional, sei, mas que se aguentasse, em suas ideias.

Sempre os mesmos — os homens. Inconstantes e facilmente saciados, quer se chamem

Napoleão ou João Ninguem.

Pois o imperador famoso gostava também de ver alindadas suas damas, e foi êle, que introduziu na côrte o uso do carmim, fazendo pouco das senhoras do seu séquito, quando as via pálidas e olheirentas.

É certo que há homens, hoje em dia, que ainda embirram com as mulheres, quando elas dão muita importância aos trapos e se embonecam com pinturas. Mas houve em todos os tempos homens que gostavam de que as mulheres se alindassem, mesmo sem serem Napoleões ou coisa parecida.

Leinbram-se de Paulo Barreto, aquêlê insinuante escritor brasileiro que usava o pseudónimo de *João do Rio*?

Pois encontro-o em França, um ano antes da guerra mundial, doido de todo com as francesas que eram as mulheres que audaciosamente já então se pintavam, sem fazerem caso das censuras dos atrazadores e puxavam pela caixinha do pó de arroz em qualquer lugar.

E dizia êle, desvairado:

— "Que bocas, que tentação, meu Deus!"

— "Mas é *bâton*, Paulo, é artifício», dizia-lhe eu.

— Que importa! A ilusão é tudo. "E

bocas destas são uma perdição...» — respondia êle.

Pobre Paulo! Viveu adorando a Mulher, assim com maiuscula, e morreu pensando certamente em como era triste deixar a vida ainda novo, quando havia em sua volta tanto corpo esbelto para enlaçar e tanta boca de romã para sorver em beijos.

Palavra puxa palavra, e uma ideia arrasta outra ideia.

Ainda agora, ao lembrar-me duma coisa que me aconteceu com êle, me dá vontade de rir.

Um dia precisei de falar-lhe, sôbre um assunto de teatro, em Paris, e procurei-o no hotel.

Indicaram-me o quarto, subi no elevador e bati à porta.

Já passava do meio dia. Julguei encontrá-lo, pronto para sair.

Pois abriu uma greta da porta, viu que era uma mulher que o procurava e, sem me conhecer, balbuciou, atropalhado:

— "Agora não pode ser, já cá tenho uma..." E fechou-se, rapidamente, com medo dalguma invasão que degenerasse em pugilato entre rivais.

Eu desci a escada, rindo com vontade, e nunca lhe disse que o tinha procurado.

Êle teria ficado vexadíssimo, se soubesse que era eu quem êle confundira com as suas conquistadas dos *boulevards*.

Um doido adorável, êste Paulo Barreto!

Mas se a moda é útil, também pode ser ridícula, se não soubermos estirpar-lhe o que ela tiver de inconveniente para qualquer de nós, segundo o nosso físico e a nossa situação.

Porque um tal chapéu fica bem a uma conhecida nossa, não quer dizer que noutra cabeça êle fizesse o mesmo efeito. Não se deve imitar ninguém e até na escolha das *toilettes* devemos guardar a nossa personalidade.

Outra coisa temos a meditar, nestas circunstâncias é a nossa situação, não só sob o ponto de vista económico, como também sob o moral. E, êste muito principalmente.

Dou um exemplo comigo própria dêste caso.

Eu não sigo a Moda, conservo-me á margem dela, apontando-a apenas, na minha indumentária.

E faço isto, porque sou coerente. Uma mulher que trabalha como eu, que frequenta tipografias, que tem sempre um destino ligado, ao seu trabalho quando sai, não pode andar com chapéus extravagantes, nem com vestidos que deem muito na vista.

E há ainda o ponto moral de que falei.

Marcada pela desventura, chorando dois filhos mortos, seria lógico que eu usasse trajos vistosos e me atrelasse ao carro luxuoso da Moda? Pois aí está o que eu queria dizer-lhes. Tacto e coerencia. Assim, está certo.

MERCEDES BLASCO

HÁ males que nós temos de reconhecer como precisos, absolutamente precisos para ajudar o progresso das nações.

E um desses males necessário é, com certeza, mas certeza iniludível, a Moda.

Se não fossem os caprichos desta tirana que escravisa tanta cabecinha louca, que seria do comércio exportante, das indústrias que o comércio faz multiplicar e progredir?

Além disso, a Moda, com os seus inventos, os seus disparates mesmo, torna a mulher mais atraente, realça certos pormenores da sua beleza para a conquista do homem, e daí vem o engrandecimento de qualquer país, na riqueza de exploração em todos os ramos productivos, e em população.

Portanto, a senhora Moda, sem querer, é também proxeneta que aproxima os sexos, e faz tirar do amor os melhores frutos — crianças que amanhã serão homens e reforçarão a defesa da sua pátria e que lhe darão novas energias, geradoras de força motriz em todas as actividades sociais.

As extravagâncias da moda, foram sempre, desde tempos remotos, bem acolhidas pelas altas esferas da sociedade.

Napoleão não regateava as despesas exageradas das suas caras metades — Josefina e Maria Luiza — contanto que não



Ilha de Venus — por Desenne — da edição Margado de Mateus

MAS afinal serão filmados *Os Lusíadas*, como para aí se diz tão leviana, não anti-patrioticamente? Se este infeliz boato pode ter alguma consistência, façam já todos aqueles, que para tal profanação concorreram, os mais sinceros votos de penitência, e vão descalços, de barão ao peçoço, junto do túmulo do épico imortal, pedir perdão do espantoso sacrilégio cometido, pelo menos, em pensamentos e palavras.

Não queremos dizer que, um dia, não seja possível filmar condignamente uma epopeia grandiosa como a de *Os Lusíadas*. Por enquanto é que não.

Vimos nascer o cinema, sem vagidos porque era mudo, e cheio de fracassos mais ou menos húmidos como é próprio de crianças de mama. Sorrimos com as

O velho do Restelo — composição de A. Kostba



palhaçadas de Max-Linder, Don Toribio e Prince, e sofremos com as cenas trágicas e lentas de Francesca Bertini e Vera Vergani e Lyda Borelli. Assistimos às fitas faladas por indivíduos escondidos atrás do pano, e deliramos com as corridas vertiginosas de que nos falava o conhecido monólogo:

Muda a vista, volla o cêo,
Mais o dono à desfilada,
Um polcia, uma criada,
Uma carroça e um trem.
Nisto tomba tudo ao chão...
Ai que grande trambalhão!
Ai que graça que isto tem!

É certo que o cinema de hoje alguma coisa adiantou. Concordamos mesmo que já esteja muito razoável para filmar a *Severa*, *O Trêvo das Quatro Folhas*, a *Rosa do Adro* ou a *Maria Papoila*. Acabou-se... o público ri e comenta com a galhofa que lhe apetece as cenas ridículas a que assistiu.

Vem a propósito dizer que não nos agradou o *Bocage* por mil razões e mais uma, e ainda porque não se quis ver nesse filme o que foi a vida dêsse tão genial quão desventurado poeta que morreu aos quarenta anos deixando uma obra vastíssima e séria, de que poucos falam porque desgraçadamente muito poucos a conhecem. Celebrizaram o excelso Saldino, através de piadas grosseiras e obscenas de que éle próprio seria o primeiro a indignar-se se as pudesse ouvir.

Mas, enfim, um homem não é uma pátria. A reputação de um poeta não é o brio de uma nacionalidade. Que esfrangalhassem o pobre Manuel Maria, cuja vida foi tão curta, que mal teve tempo de escrever as suas odes, elegias e canções, os seus sonetos magistrais, as suas traduções primorosas de Anacreonte e Delille, enfim, seguir-se-ia a toada popular que sempre encontrou em Bocage, um trauço para deleite das pessoas divertidas.

Mas profanar *Os Lusíadas*, a bíblia sacrosanta da nossa Pátria?! E com que fim? Enriquecer um empresário que não se importaria de ampliar a sua indústria com pomada para calçado, de marca

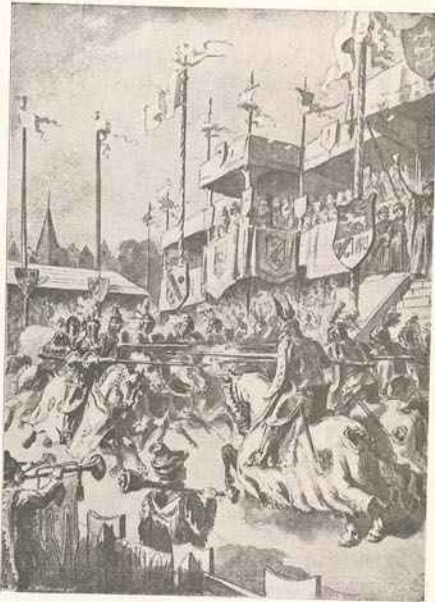
IDEIAS TRISTES

Serão filmados "Os Lusíadas"?

Como sairá desta prova o nosso épico imortal?

"Afonso Henriques", tintas de zinco marca "Nun'Alvares", ou autoclismos modernos com a divisa *Talent de bien faire?* Não, isso não.

Pode ser que, um dia, o cinema atinja a perfeição exigida pelo imortal poema de Luiz de Camões, e então, sim, enal-



Os Doze de Inglaterra — por Manuel de Macedo e Roque Gameiro

teça-se esse monumento literário que, sendo superior à *Ilíada* de Homero e à *Eneida* de Vergílio, é também o livro sagrado de Portugal, nossa Pátria.

Até lá vão-se entretendo com Júlio Deniz e outros escritores da nossa terra que já terão bastante que fazer. Em matéria rocambolesca poderão ir aperfeiçoando o que já se fez acerca de *José do Telhado*, adaptando também *João Brandão*, *Diogo Alves*, o *Sapateirinho da Bica*, e outros vultos de nomeada. Será bom ter presente que a América, sabedora destas coisas como mais ne-

nhuma, tem feito um fortuneão com os *gangsters*, que em coragem e temeridade nem para criados dos nossos salteadores da Falperra de há cem anos. Porque não há-de biografiar em celuloide esses ilustres filmanes dos Camões do seu tempo?



O gigante Adamastor — por Manuel de Macedo e Roque Gameiro

Os Lusíadas foram salvos pelo seu excelso autor que durante horas e horas, lutou com os horrores de um espantoso naufrágio. Não queiram fazê-los naufragar agora — e de vez.

Se Bocage encontrou certa analogia entre a sua sorte e a de Camões, quem torná-la mais completa?

Dizia éle num dos seus formosos sonetos:

Camões, grande Camões quão semelhante
Acho o teu fado ao meu quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar é o sacrilégio pigante.

Como tu, junto ao Ganges sussurrante
Da penúria cruel no horror me vejo,
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,
Também carpindo estou, saudoso amante.

Ludíbrio, como tu, da sorte dura,
Meu fim demando ao ceu, pela certeza
De que só terei paz na sepultura.

Modão meu tu és... Mas, oh! tristeza!...
Se te imito nos transe da ventura,
Não te imito nos dons da Natureza!

Querem agora tornar Camões mais semelhante ainda a Bocage, metendo-o também num filme achincalhante e ridiculo?

Querem emporcalhar *Os Lusíadas*? Deixem-se estar sossegados, e limitem-se a decorar os formosos versos de João de Deus que, tendo ensinado as criancinhas, pode ensinar também os adultos mal educados:

"Os Lusíadas" estão como na
[hora!

Três séculos e nada,
Nem uma letra lírica apogada!

Porque a gente decora,
E nem os vemos comem,
Não traçam, não consomem
Uma obra inspirada,
Sana-se o vulto, que a compôs,
[embora.

Os dons da Divindade
— A beleza, a verdade
Essa glória de Deus como do
[homem —
Raíam e ficam em perene au-
[roral!

Não se metam, pois, a fazer experiências com assuntos sagrados e intangíveis, havendo tantas coisas próprias ao alcance da mão de qualquer realizador. Filmem a *Princesa Magalona* ou o *João de Calais* que nisso terão pano para mangas. Será bonito, e terá ainda a vantagem

de não ofender ninguém. E, como estas histórias são apreciadas pelo nosso povo, quantas outras existem por aí à espera dum realizador de génio que se lembre de as consagrar na tela.

Porque não filmam *O Menino da Mata e o seu cão Piloto*, que é um assunto altamente moral e educativo? Dir-nos-ão que seria um filme para crianças? Talvez. Mas afinal o que é senão uma infantilidade esta de quererem filmar *Os Lusíadas*? É certo que qualquer petiz, após a leitura da *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, se julga um



Caníca salvando «Os Lusíadas» — Composição de Roque Gameiro

Roldão capaz de vencer o gigante Ferraguz. Não se dará o mesmo com o realizador de *Os Lusíadas*, que, julgando-se com ganas de meter o Adamastor debaixo do braço e levá-lo como um fardo onde muito bem lhe apeteça, está disposto a tudo?

Se é, não lhe gabamos a ideia que — Deus nos perdoe! — veio apenas irritar o indígena.

E daí, também pode ser que tão infeliz inspiração, lhe surgisse após um bom almoço, e, como tal, se tenha desvanecido já...

GOMES MONTEIRO.

Venus aplica o vento e a tormenta — Composição de Freguiera





Porta da catedral de Milão, com a História da Virgem

O que vulgarmente se chama sensibilidade artística não é um privilégio de eleitos, como a santidade ou qualquer outro "doce tormento", que dê direito à entrada no céu ou na glória, a meia dúzia de escolhidos maganões. A sensibilidade artística é coisa mais simples, embora nos predestinados seja um excesso de receptibilidade nervosa ou de criação imaginativa, perante a natureza, os dramas humanos ou as subleites divinas. No entanto convém possuir determinada dose de bondade na visão da vida e na concepção dos sonhos, embora a do coração manobre à parte, porque é sentimental e porque o alojamento daquele está no espírito, como outras sensibilidades se instalaram na epiderme dos seres ou na precisão matemática dos objectos científicos, que se impressionam ao mínimo conflito de intronamentos alheios. A sensibilidade artística pode ser uma tara, um drama ou um benefício. É sempre uma fatalidade, susceptível e nervosa, íntima e individual, de comocção estética e sensorial, disposta a todas as surpre-

zas de gosto, de abalos interiores no contacto com os espectáculos exteriores, tanto obra dos sentidos como dos choques cerebrais, que se transmitem por meio de desgostos, admirações ou exposições poéticas a uma obra própria, positiva ou de abstracção, consoante os estados de alma e as aptidões dos sensíveis. A sensibilidade artística, repito, não é privilégio: é um caso, educado ou não, de raciocínio sensorial ou de generosidade nervosa. No geral o bom senso anda de candeias às avessas com ela, porque o sensualismo, com frequência a tem por conta, de casa e pucarinho. Os invejosos, em geral, são refractários àquele gozo.

Os dicionários e os sábios explicam tudo isto de forma mais sóbria e compreensível; mas quanto a mim, a simplicidade das suas definições é uma misteriosa habilidade que encobre as deficiências das mesmas, visto a anormalidade particular de vibrações em cada indivíduo possuidor de tal sorte.

Assim, há artistas muito bem cotados

PORTAS ECANTADAS

onde a sensibilidade artística pode passar

que mal a conhecem, e muita gente sem nome que nasceu cheia dela e nunca pegou num pincel ou distingue um lá dum dó.

Tudo isto vem a propósito duma coisa que ia para dizer e que esbarrou nesta arenga preliminar: — a Itália é um poço sem fundo de motivos encantadores que regalam quem foi dotado com um bocadinho da tal sensibilidade.

Desta vez, por exemplo, quero referir-me às portas historiadas, de bronze ou madeira, nos balistérios, nas catedrais e nas simples igrejas das aldeias. Já me referi algures às enormes portas da Sé de Milão, que foram as primeiras que vi, esculpidas por Ludovico Pogliaghi, logo no começo das minhas peregrinações por Itália. Destas às mais recentes, mandadas esculpir e fundir por Mussolini para os edifícios modernos — ministérios, correios, bancos, hospitais, etc. — e às muito antigas que fecham os lugares mais santos dos tempos, como as das sacristias da Catedral de Florença e dos oratórios de Palermo, góticas outras, clássicas algumas, ora de descritivos esquadramentos formando quadros, ora de grande composição e também de decorativos talhes, é um nunca acabar de revelações maravilhosas, desde as chamadas Romanas às do Renascimento e destas às mais modernas, onde se notabilizaram os maiores escultores e cinzeladores do mundo. Miguelângelo modelou-as e despertou, já nos nossos dias, num colosso da sua igualha — Rodin —



Portiva

com a criação das *Portas do Inferno*, para glória da França. Em Portugal, Teixeira Lopes também esculpiu as da *Candelária*. Passadas as eras de Ghiberti e de Cellini, que as cinzelavam como qualquer ourives, outros grandes artistas as fundiram, lastimando, por certo, não as poder bater na forja, com o mesmo amor e voluptuosa fantasia com que os ferreiros filigranaram as preciosidades que em balcões, pátios e altares, na mesma Itália e aqui na Espanha vizinha, tive a ventura de admirar e de beijar até. Por todas as terras, cidades ou aldeias, estas obras-primas nos esfrangalham a tal generosidade emocional.

Na portada nobre do mosteiro do Guadalupe, os espanhóis baixorrelievaram numa lâmina grossa de latão, batendo-a e repuxando-o com religiosa mestria, uma das mais belas portas que conheço. Porém agora em Itália muitas outras se ofertavam à minha sensibilidade, não resistindo, por claro reconhecimento, à tentação de estampar nesta revista algumas dessas lindas obras de arte que me ficaram na saúde. Se na Alemanha a portaria de Santa Maria do Capitólio mereceu a publicação dum volume, quantos e quantos os italianos poderiam compor com as que herdaram do Passado, a começar pelas da igreja de Santa Sabina, em Roma, do século VI e pelas das Catedrais de Monreale, em Palermo, e de Pisa, la-



A enquadramento do Palazzo de Florença, no Danti e Vergio, direita. Porta, com a galeria da Turra



Porta atribuída a Miguel Ângelo e também a Vincenzo Danti

vradas no século XII, por Bonanno Pisano, semi-bárbaras, mas de bela composição, com ressaibos bizantinos e romanizados, até às três monumentais da fachada desta última Sé. No Batistério e no Campanilo de Florença, Andrea Pisano, no século XIV, e depois Ghiberti e Filippo Brunelleschi, no século imediato, burilaram famosos quadros bíblicos, que sómente Jacopo della Quercia, em Bolonha, nas portas de S. Petrónio, e Donatello, Agostino di Duccio e os della Robbia, por vários templos, modelaram com igual amor e mestria, não esquecendo as portas historiadas, de Filarete, na antiga basílica de S. Pedro, em Roma.

Além destas e mil mais que escaparam

às minhas notas de viagem, Jacopo Sansovino, da famosa estirpe que destacou Andrea para a corte de Portugal, deixou na porta da sacristia de S. Marcos, em Veneza, belíssimos quadros em bronze, a competirem com o relêvo, do Museu Nacional de Florença, atribuídos por uns críticos a Miguelângelo e por outros a Vincenzo Danti, todos do século XVI.

Decididamente estes entusiasmos por coisas tão fúteis, segundo o raciocínio dos sensatos, devem ter em má conta a sensibilidade artística de que falei acima, havendo quem ansie pelo dia prático de a ver fechada a sete chaves num manicómio e punida pela polícia, como mazelã romântica da humanidade.

DIOGO DE MACEDO



Artur Duarte

A PARECEU o filme *Os Fidalgos da Casa Mourisca* extraído do famoso romance de Júlio Deniz, havendo quem dissesse cobras e lagartos da sua encenação e desempenho. Não é bem assim. Este filme — doa a quem doer — é dos mais equilibrados que ainda apareceu à nossa vista como produto nacional. E o mais curioso é que, segundo nos consta, foi o que custou menos dinheiro.

O seu realizador, Artur Duarte, dando

largas ao seu talento e aos aperfeiçoamentos que trouxe das Alemanhas, conseguiu fazer com que o público saísse satisfeito do espectáculo.

Acusaram o realizador de ter metido o anacronismo na fita, o que, na ideia de vários, seria ofender os manes de Júlio Deniz.

Pois é verdade. O anacronismo lá está, e faz boa figura, quer queiram quer não. Foi até o melhor que Artur Duarte poderia ter feito.

Pois para que havia o D. Luiz aparecer vestido à moda antiga, se a intriga do romance de que foi extraído o filme é ainda dos nossos dias?

Trata-se porventura de alguma figura histórica que marque uma época? Porventura o sr. Antoninho da Tapada, que conhecemos em certa aldeia provinciana, e que apesar da lei de D. Luiz I, que aboliu os morgadios, ainda se faz passar por morgado, consentiria que um filho seu casasse com a filha de um dos antigos criados? E, como este, quantos srs. Antoninhos ainda existem por esse Portugal fora desde os campos floridos do Minho aos almeixares graciosos do Algarve?

Portanto, porque não haviam de aparecer as personagens dos *Fidalgos da Casa Mourisca* vestidos à moderna? Dar-se-á o caso de haver ainda pessoas que gostem de ler os romances de cavalaria apenas nas velhas edições roídas pela traça em que os ss parecem ff? Impressos numa edição moderna perde-

VANTAGENS DO ANACRONISMO

Os Fidalgos da Casa Mourisca

Um bom filme que veio honrar um bom romance

ram esses romances alguma coisa do seu sabor natural?

É claro que se de um assunto histórico se tratasse, a indumentária deveria ser respeitada, pois não ficaria bem ver D. Miguel avançar para o Cêrculo do Porto num magnífico automóvel de oito cilindros para não dizer num "tank" de boa blindagem. Mas, numa luta de castas que, apesar dos sucessivos nivelamentos que a Humanidade tem sofrido, ainda se mantém hoje como ontem, em que é que destoa o tal anacronismo?

Noutro ponto bem andou Artur Duarte: em poupar a paciência do espectador, dando-lhe em cenas rápidas a explicação imediata a perguntas que arrastariam muitos metros de filmes em hesitações e incertezas. Já se fez isso, senão estamos em erro, no *Pasteur* e no *Abuso de confiança*, e não desagradou, que nos conste.

O filme *Os Fidalgos da Casa Mourisca* interpretou fielmente o pensamento do autor do romance que, em volta da famosa parábola do tesouro escondido, urdiu o fundo moral e educativo do seu trabalho.

Nessa quinta em ruínas, definhada pelo mau governo, empobrecida pelo desleixo, cresciam ortigas e ervas daninhas. Mas havia ali um tesouro escondido. O que era preciso era saber encontrá-lo. Foi o que se fez, graças à perseverança do filho mais velho da Casa Mourisca. Cultivar a terra que, sendo de boa qualidade, faz brotar do seu seio o oiro deslumbrador das mais viçosas searas.

E assim se compreende que Artur Duarte terminasse com uma grandiosa apoteose ao trabalho, em que potentes máquinas agrícolas de colaboração com os braços musculosos dos trabalhadores rurais, desbravassem e revolvessem a terra que nos dá o pão nosso de cada dia.

Quanto ao desempenho, à parte deficiências, que as tem — e grandes — agradeu-nos no seu conjunto. João Lopes — o Tomé da Póvoa — e Henrique de Albuquerque — o fidalgo — foram óptima-

mente no seu papel, a-pesar-do confronto ainda lembrado com as saudosas criações de Brazão e José Ricardo. Tomás de Macedo, o filho salvador da casa, misto de filósofo e sonhador, espírito de-

sempoeirado e correcto estabeleceu um belo contraste com o dr. Eduardo Fernandes, o filho estoiro-vergas que foi bem no seu trabalho, mostrando os grandes progressos que tem feito. Maria Castelar mostrou-se uma ingénua encantadora, embora de movimentos parados. Se a sua bela máscara tivesse mais um pouco de expressão, seria deliciosa. Teresa Casal mostrou-se à vontade no papel da prima estouvada, quando é, no fim de contas, o anjo salvador de toda aquela gente. Pena foi que não tivesse um mais largo treino de equitação, pois no passeio que dá com o primo Maurício vê-se que vai vacilante, senão receosa de algum trambolhão. Debaxo dos pés se levantam os trabalhos...

Como se vê, o filme *Os fidalgos da Casa Mourisca* de que tão mal se disse para aí, tem muito — mesmo muito de bom e útil — por onde se lhe pegue.

Artur Duarte, a-pesar-de ter sido económico, pois de outra maneira nada teria conseguido, obteve um êxito, podendo dizer-se que o famoso romance de Júlio Deniz nada perdeu.

Quanto à fotografia de Goldberger e Aquilino Mendes haverá alguma coisa a dizer? Há. Que é boa. O engenheiro Paulo de Brito Aranha portou-se à altura dos seus méritos, dando-lhe um som excelente.

Eis o que foi e é o filme *Os fidalgos da Casa Mourisca*.

Quando nos preparávamos resignadamente para ver surgir mais um aleijão cinematográfico, vemos aparecer com surpresa, com espanto até, um trabalho digno dos maiores aplausos.

Isto foi o que vimos, sem paixões nem ressentimentos, pois nem sequer privamos o realizador nem com os intérpretes. Se não nos agradasse, de Deus lhes viesse o remédio, mas tinham que nos ouvir.

Assim, francamente, ouvir dizer mal do que não é mau, é trinta vezes pior do que ouvir dizer bem — e tantas vezes isso nos tem acontecido! — do que é péssimo em qualquer parte do mundo.

Ora vamos lá, pelo amor de Deus!

Não pretendemos dizer que o filme *Os fidalgos da Casa Mourisca* seja im-

pecável, uma autêntica maravilha. Tem defeitos, lá isso tem. Notam-se-lhe muitas deficiências que o próprio realizador não pretendeu descobrir.

Mas o que sabemos é que Artur Duarte, com meia dúzia de patacos, fez mais do que outros dispendo à larga de milhares de contos. Esta é que é a verdade. Poderão objectar-nos que quem não tem dinheiro não tem tão largas ambições; mas nós replicaremos que, apesar da exiguidade da bolsa que o financiou, o filme não envergonhou ninguém. Muito pelo contrário.

Faça-se de conta que Artur Duarte, dispendo apenas de meia dúzia de postas de bacalhau, três ovos e vinte e cinco tostões, conseguiu fornecer um jantar que qualquer dos muitos organizadores de ementas que para aí vicejam, não arranjariam nem com um lugre da Terra Nova carregadinho de peixe até à prôa.

Pensando nisto, é possível que se abaixe muita prôa...

Como seria possível realizar tudo isso com as tais seis postas de bacalhau? —

SÉRGIO DE MONTEMOR.



Artur Duarte dirigindo uma cena do seu filme. Em frente da câmara; Tomás de Macedo e Maria Castelar

preguntarão aqueles que, em ar de bafosia, costumam arrotar postas de pescada.

Isso é o que Artur Duarte, se tivesse tempo e paciência, lhes poderá dizer e até ensinar.

Quanto a nós compete dizer apenas que vimos, ouvimos, cheiramos, apalparamos — e gostamos...

Não sabemos o que Artur Duarte projecta fazer, nem mesmo se está disposto a dar-nos muitos filmes. Se assim for — e ainda bem — que não se afaste do seu caminho porque vai indo bem, muito bem mesmo — doa a quem doer.



Maria Castelar numa cena de «Os fidalgos da Casa Mourisca»



O dr. Eduardo Fernandes e Teresa Casal numa cena do filme

PELA BEIRA LITORAL

Coímbra

COIMBRA, alma e coração das lindas e férteis regiões beirãs, está em festa, a comemorar uma vez mais. Santa Isabel, a que foi Rainha adorada dos seus súbditos e hoje a sua Santa Padroeira a quem a Fé de todo o Portugal presta o mais fervoroso culto.

Porque é a linda cidade do Mondego, onde ela viveu e morreu, que guarda o seu corpo incorrupto na luxuosa urna de cristal e prata cinzelada, depositada no altar-mor da Igreja de Santa Clara-a-Nova, é ali que essas comemorações periodicamente se realizam, mas nunca, como no ano corrente, foi tão cuidado o programa das solenidades, metucioso no seu carácter de religiosidade e completo nas demais manifestações.

Os esforços inteligentemente conjugados da Câmara Municipal, Comissão Organizadora, Associação Comercial e outras entidades, conseguiram, vencendo inúmeras dificuldades, assegurar aos habitantes e forasteiros a realização de uma série de festejos que, certamente, atingirão uma grandiosidade nunca até agora entre nós igualada. No dia 5 iniciam-se no templo da Rainha Santa, as solenidades religiosas, com missas, devoção e osculação, prolongando-se até o dia 7, em cuja tarde se realiza a procissão da trasladação da Veneranda Imagem para a Igreja do Carmo, de onde regressará a 10, em nova e imponente procissão em que se incorporam tôdas as Confrarias da cidade.



A imagem da Rainha Santa

Primorosa escultura de Teixeira Lopes

A praia fluvial e a exposição de arte popular

No primeiro dia das festas faz-se a inauguração da nova praia artificial, agora bastante ampliada, dispendo ainda de uma vasta piscina; da Feira de Amostras no Parque, com várias e boas instalações de firmas industriais de Coímbra, Lisboa e Porto; e, no novo edifício dos Correios, de uma curiosa exposição de arte popular, pintura e escultura, marcenaria e serralharia artísticas de Coímbra, exposição esta que, pelos valores que encerra e pelas curiosidades que apresenta, vai de-certo ser justamente apreciada não só pelos habitantes da cidade como por todos os forasteiros que ali acoram.

No átrio deste palácio que será caprichosamente decorado, fazem-se demonstrações práticas de alguns desses trabalhos, como os dos oleiros e tecedeiras, o que assegura a este número do programa um êxito invulgar, coroadando assim esta interessante iniciativa.

Festivais diurnos e nocturnos no Parque da Cidade, que será feêricamente iluminado, música nas principais praças públicas, grupos folclóricos de vários pontos do país, primeira apresentação do rancho local de tricanas, desóito pares, provas desportivas em terra e na piscina da praia, campeonato de tiro aos pombos, exercícios riais e parada pelos bombeiros, muito fogo de artifício, bailes e descantes populares, completam o formidável programa.

Fazem-se também excursões turísticas, uma romagem patriótica da Mocidade Portuguesa aos monumentos dos Combatentes da Grande Guerra e de Camões e aos túmulos de D. Afonso Henriques e D. Sancho I, em que tomarão parte perto de quinhentos lusitos das escolas primárias cidadinas.

Como se vê as festas da Rainha Santa, este ano festas da cidade, satisfazendo inteiramente todos os aspectos — religioso, patriótico, tradicional e cultural — proporcionando ainda, às classes populares, as diversões da sua predilecção, vão levar a Coímbra muitos milhares de pessoas de todos os pontos do país, que delas guardarão inolvidáveis recordações e que ali serão recebidas com o carinho que é timbre desta terra que nada esqueceu para lhes assegurar, por mais numerosas que sejam, o máximo de comodidade e conforto.



A praia da Figueira da Foz vista da Esplanada

Figueira da Foz

A nova província da Beira Litoral pode justamente orgulhar-se da sua principal praia, incontestavelmente a melhor de toda a costa portuguesa. A Figueira da Foz de tão largas tradições, conseguiu à custa de perseverantes esforços, alcançar a sua actual categoria e longe de se considerar satisfeita com o êxito já logrado, vem sempre buscando melhorar as suas condições de forma a proporcionar aos seus numerosos frequentadores o máximo de conforto e de comodidade.

Praia da Claridade, como acertadamente a cognominam, a sua incomparável situação corográfica empresta-lhe uma inconfundível beleza de que são atributos primordiais o caprichoso recorte da sua baía azul, tendo por fundo a majestosa Serra da Boa Viagem, e o esplendor da luz viva do Sol que a ilumina durante o dia e o reflexo da luz de prata nas incomparáveis noites de luar.

Se lhe acrescentarmos o excepcional clima de que goza, as animadas diversões que organiza durante a época balnear, explicada fica a preferência com que a distinguem as famílias que buscam passar o mais agradávelmente possível os meses de verão.

A praia da Figueira da Foz, tal como presentemente se encontra, não tem que recear confrontos com qualquer outra do nosso País. A sua extensa esplanada, com largas escadarias dando-lhe acesso, em vários pontos ajardinada e dispendo ainda de uma completa iluminação dá-lhe foros de praia cosmopolita. O miradouro junto ao forte de Santa Catarina proporciona-nos um inolvidável panorama que se estende pelo oceano fora, até ao Cabo Mondego, avistando-se distintamente o característico casario da ridente povoação de Buarcos. Os «courts de tennis» aqui perto instalados também satisfazem os jogadores mais exigentes.

As largas avenidas do Bairro Novo, com os seus belos edifícios, os estabelecimentos comerciais, alguns mesmos luxuosos, os cafés, o Casino Peninsular onde se tem realizado festas sumptuosas, a animação e a vida que a caracterizam tornaram a praia da Figueira da Foz, a praia portuguesa de eleição.

Com fáceis e rápidas comunicações, quer pelo caminho de ferro, quer pela rede de estradas que a servem, com bons hotéis, várias pensões e restaurantes a Figueira está habilitada a bem receber todos que a procurem, graças aos esforços das estações oficiais, de que se destacou a comissão de Iniciativa e Turismo, hoje transformada em Comissão Municipal de Turismo, que está firmemente disposta a completar esta ingente obra com a mais disvelada dedicação e ainda ao espírito de iniciativa da população. O calendário das festas deste ano inclui uma feira de amostras que denominaram com muita felicidade «Feira das Actividades Portuguesas». Nela vão exhibir-se as principais indústrias do país e pela primeira vez os organismos de coordenação económica e corporativos vão mostrar alguma coisa do muito que em Portugal se tem feito dentro da Ordem Nova.

Como de costume realizar-se-ão em Agosto as grandes regatas internacionais com equipas inglesa, holandesa, alemã e dos clubs nacionais, para disputa da taça da «Vitória», que está em poder da Holanda, e do troféu «Salazar», que será uma valiosíssima obra de arte. A Brigada Naval da Legião Portuguesa concorrerá, pela primeira vez, a estas regatas com duas fortíssimas equipas. O grande Casino Peninsular abrirá os seus luxuosíssimos salões em 15 de Julho.



No miradouro de Santa Catarina

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

BAILE DE SUBSCRIÇÃO

Por iniciativa da senhora de Maneli, esposa do ilustre Ministro de Itália, em Portugal, realizou-se no passado mês de Maio, um grandioso baile de subscrição, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo a ilustre senhora destinado do produto líquido dessa encantadora festa de caridade, a quantia de dois mil escudos, destinados em partes iguais, a favor das beneméritas instituições «Florinhas da Rua» e «Parques Infantis», tendo as importâncias sido entregues respectivamente às sr.^{as} Viscondessa de Riba Tamega e D. Maria Fernanda de Castro e Quadro Ferro.

NA RUA POSSIDÓNIO DA SILVA

A favor da assistência da freguesia de Santa Isabel, realizou-se na noite de 11 de Junho último, uma elegante festa de caridade, que constou de «Arraial Português» nos jardins da Rua Possidónio da Silva, à Estréla, n.º 73, gentilmente cedidos pelos seus actuais arrendatários, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual faziam parte as seguintes: D. Amélia Mata de Carvalho, D. Helena Norton Reis, D. Joana de Freitas Branco de Heredia, D. Maria Adelaide Barbosa de Guimarães Seródio (Sabrosa), D. Maria da Graça Rosa de Oliveira, D. Maria Luísa Graça (S. Mamede), D. Maria Palmira de Matos Vasconcelos Guimarães (Riba Tamega), D. Rosália Viana Pinto Coelho Pereira de Matos e Vitória de Almeida (Lavradio).

Além dos costumados atractivos que são de uso nestas festas populares, a comissão organizadora, apresentou num recinto especial um sensacional espectáculo ao ar livre, em que tomaram parte as distintas artistas Beatriz Costa, Filomena Casado e Hermínia Silva, que mais uma vez tiveram ocasião de pôr em destaque as suas faculdades de artistas consagradas.

Todas as barracas que se encontravam armadas no elegante recinto fizeram óptimo negócio, estando nós certos que a comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto mundano, como financeiro.

Casamentos

— Em Riba de Ave, celebrou-se na capela da Casa da Lameira, propriedade da sr.^a D. Maria Amélia da Costa Ferreira e do sr. Alfredo Ferreira, o casamento da sr.^a D. Maria José Garcez de Magalhães de Sequeira, gentil filha da sr.^a D. Maria Augusta Garcez de Magalhães de Sequeira e do sr. dr. Magalhães Sequeira, com o sr. José Carlos Ferreira, filho dos ilustres donos da casa, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Terminada a cerimónia, foi servido no salão de mesa da elegante residência, um finíssimo lanche seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para Lisboa, no seu automóvel, onde vieram passar a lua de mel.

— Em Santiago do Cacém, celebrou-se na igreja matriz do Castelo, o casamento da sr.^a D. Luíza Barbosa Sabido Falcão, interessante filha da sr.^a D. Luíza Barbosa Lopes Sabido Falcão e do sr. Eduardo Eloy Nobre Falcão, já falecido, com o sr. Joaquim de Lança Falcão Lucas, filho da sr.^a D. Joaquina de Lança Falcão Paredes e do sr. dr. Carlos Alberto Lucas, já falecido, servindo de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os srs. dr. Francisco Falcão da Silva Ribeiro e Avelino Gomes Paredes, presidindo ao acto o reverendo Ernesto Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Lisboa, donde seguiram par o Norte, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Aida Camila de Sequeira Santos, interessante filha da sr.^a D. Maria Camila de Sequeira Santos e do

sr. Manuel de Oliveira Santos, com o sr. Manuel Diogo Delgado de Ávila, filho da sr.^a D. Leolinda Quintas Delgado de Ávila e do sr. Diogo Eduardo Borges de Almeida Ávila, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Elvira Costa Sequeira e D. Maria Elvira Delgado de Ávila e de padrinhos os srs. Francisco José Sequeira e o capitão Manuel de Almeida de Ávila, tios dos noivos.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Em Cascais, realizou-se o casamento da sr.^a D. Guilhermina Alves Gaspar, interessante filha da sr.^a D. Maria Eugénia Gaspar, com o sr. Joel Canas Pereira, filho da sr.^a D. Adelaide Canas Pereira, e do sr. Fernando Pereira, servindo de padrinhos por parte da noiva a sr.^a D. Georgina Gaspar Pereira e o dr. Júlio Canas Pereira, e por parte do noivo a sr.^a D. Maria Feliciano Gaspar e o sr. Manuel Hermenegildo Gaspar.

Terminada a cerimónia, foi servido na elegante residência dos noivos, em Paço d'Arcos, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte do país, onde foram passar a lua de mel,

— Realizou-se com a maior intimidade, o casamento da sr.^a D. Gertrudes Pinheiro, com o sr. Manuel Galvão Mendes, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Francisca Rosmaninho e D. Noémia de Carvalho e de padrinhos os srs. Ricardo Rosmaninho e Joaquim Pereira de Carvalho.

Findo o acto foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Na igreja do Corpo Santo, celebrou-se com a maior intimidade, o casamento da sr.^a D. Lucienne Anne Marie Chretien, interessante nora da sr.^a Viscondessa de Coruche (D. Maria), com o sr. Eduardo Buzaglo Abecassis, filho da sr.^a D. Sofia Buzaglo Abecassis e do sr. Fortunato Abecassis, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} Viscondessa de Coruche (D. Maria) e D. Maria Emília Mendes de Almeida Abecassis.

— Celebrou-se na Sé de Faro, o casamento da sr.^a D. Francisca Sancho de Sousa Uva, interessante filha da sr.^a D. Juliana Rosa de Sancho Uva e do sr. José de Sousa Uva, com o distinto clínico sr. dr. João Maria Gomes de Souto Soares, tenente médico do regimento de Artilharia de Costa n.º 2, filho da sr.^a D. Belmira Gomes de Souto Soares e do sr. António Joaquim Soares, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Florinda Dias Uva, irmã da noiva e D. Josefina Aurora de Oliveira Gusmão e de padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Eduardo Rodolfo de Oliveira Botelho de Gusmão, presidindo ao acto Sua Excelência Reverendíssima o sr. Bispo do Algarve, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, no seu automóvel para Lisboa, onde vieram fixar residência.

— Realizou-se o casamento da sr.^a D. Rosa da Conceição e Silva, interessante filha da sr.^a D. Ana Tereza da Mota e do sr. António Alfredo da Silva, com o sr. Guilherme Silva, filho da sr.^a D. Margarida de Jesus e do sr. Abel Silva, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Sofia de Almeida Vieira da Silva e D. Maria Natália Rosa e de padrinhos os srs. Manuel José de Carvalho e Alberto Rosado.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da madrinha da noiva a sr.^a D. Sofia de Almeida Vieira da Silva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Na vivenda «Santo António» realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Luíza Bastos Paiva, gentil filha do sr. dr. Cesar Paiva e sobrinha do sr. dr. Satório Paiva, com o sr. António Rodri-



A sr.^a D. Adélia Calisto Marques da Silva Simões Pereira e o sr. dr. Manuel Guilherme Bastos Mendes, por ocasião do seu casamento, realizado em capela armada na elegante residência dos avós da noiva, à Avenida da República, como já noticiámos

gues Natário, importante proprietário, filho da sr.^a D. Maria Cândida Rodrigues Natário e do sr. António Rodrigues Natário, já falecidos, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Virgínia Patrício e D. Leonor Gomes Barbosa e de padrinhos os srs. Guilherme Gomes Barbosa, director da «Revista Internacional» e dr. António Branquinho, sub-director das Cadeias Civis e director do Patronato.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche na elegante residência dos pais da noiva, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Elvira Borges Sacete Fernandes, esposa do sr. Angelo Martins Fernandes, funcionário da Câmara Municipal de Lisboa. Mãe e filho, encontram-se felizmente bem.

— Na Casa de Saúde de Benfica, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Izabel Prego Castro, esposa do sr. Casce, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. D. Pedro da Cunha (Olhão). Mãe e filha estão felizmente de saúde.

— A sr.^a D. Julieta da Silva Sequeira Lopes da Mota Marques, esposa do sr. Fernando Manuel de Almeida da Mota Marques, e nora da sr.^a D. Maria de Almeida Mota Marques e do nosso presado colega na imprensa sr. Carlos Pimentel da Mota Marques, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

— Na Maternidade Alfredo Costa, assistida pelo ilustre professor sr. dr. Costa Sacadura, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Gabriela do Casal Ribeiro de Carvalho Marques, esposa do sr. João Baptista Marques. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— No Pôrto, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Duarte Bettencourt de Castro Roquete, esposa do sr. José Roquete. (Alvalade). Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

Baptizados

Celebrou-se na paróquia de S. Mamede, o baptizado do menino Adelino José, gentil filhinho da sr.^a D. Maria do Carmo Muñoz de Almeida e do sr. Adelino de Almeida, servindo de madrinha sua tia materna, a sr.^a D. Francisca Muñoz Vilas, e de padrinho seu tio paterno o nosso querido amigo sr. José Miguez Vilas Junior.

D. NUNO



Feitiçaria chitige rodeado de mistérios

ficava a três quartos de légua dali, para mais que não para menos, o côrrego sombrio onde fizera poitada havia um rôr de anos. E as gâmbias tolhidas de cansaço, deram de reclamar horas de repouso. Serpentava a verêda pelo labirinto da selva escura e sinistra como mosteiro fechado a olhares profanos. Se, na terra adusta houvesse tôrre, teria já soado a meia noite. Assim, a não ser o pirilampear das estrêlas na vastidão azul do céu, a cara à banda da lua numa nesga do horizonte, não se podia, concretamente, avaliar do adiantado da hora. Mas, pelo sim, pelo não, caminheiro experiente podia dar-lhe à vontade, meia para a uma. Andavam, na brisa rasteirinha, borriões de cacimba e a pele acusava arrefecimento desagradável. Anda-que-anda, a meter o esforço em sarilhos, deu de cara com uma aberta no matalgal e logo, na lomba baixa que a vista buscárá ávidamente em sessenta minutos de ansiedade, uma casucha estreita, negra, colmada como cogumelo nato à sombra de cajueiro temporão. Ânimo sobe, ânimo desce — andava-lhe na mansarda desconfiança de não lograr abrigo — topu-se à porta, mais assustadico que lavandisca em armadilha. Nem resfôlego de vida se percebia. Aquêlê mesmo sussurrar da viração que fôra, havia ainda pouco, companheiro animoso, era agora



A testa de um «japone»

coisa desaparecida. Apenas a cacimba miudinha, quasi imperceptível, continuava a cair, a gelar corpos e almas. O lusco-fusco a campear por várzeas, penhascais, recôncavos e cumes, enchia, dominava de lês-a-lês o Mundo. E a mata, que poisava ao lado, qual bando de corvos em pausa de refrega, era uma mancha negra, muito negra, silente e triste a inspirar terror. Bateu primeira, bateu segunda vez. Lá dentro, ouviu longo bocejar, ranger de esteira, barulhar de passos. Depois: — Quem vem lá?!

- Gente que caminha.
- Quem és tu?!
- O desconhecido Nualapila, filho de Mocapêra e da sua mulher grande, príncipe do regulado.
- Entra, por teu bom nome.
- O transeunte obedeceu. Estava na presença de mulher franzina e pequenina dir-se-ia estatuetta de cobre, se não fôsse o donaire da sua figurita.

— Senta-te, caminheiro é Que duros fados te arrastam por aqui a horas tam adiantadas? — Sem mais delongas acororou-se no chão o recém-chegado; implorou pinga de água, gorgolejou-a sôfrego e, em seguida desfiou a sua história desde o infício até ali: — Bem nascido, quizera o destino, um dia, que se embezzasse por zabaneira pertença de outrem. Diabo no corpo, a puxar para mal, deu de lhe andar no encaço dia e noite, mortinho pela posse. Não perdia um batuque, não lhe tirava o lúzio do raio da porta. Uma tardinha, andava ela na sementeira do amendoim, forjára a pillagem. De gatas, cosera-se ao capim, rastejára até as bordas da machamba, aninhára-se em coito de sebes e logo que a prêsa se colocou a salto leve, pulou, agarrou-a, dominou-a, saciou-se. Arrefeceu o sonho, criou vulto o delírio e, por muitos dias, à mesma hora morta, aquela cena violenta se repetiu. O feito correu de boca em boca, de ouvido em ouvido, — a não representar segrêdo para ninguém nem para o seu homem que, certa manhã,

Magia negrosos feitiços

(CONT. MACÚA)

lhe cortou o passo para tirar satisfações. Aconteceu o inevitável. Palavra puxa palavra, o feitiço a tecê-las, ripou da catana o outro, apontou-lha à cabeça com fúria de magarefe que quer acabar depressa com vida de bezero. Rai's te partam, homem do diabo! Zarpou para o lado, deitou as unhas a tranquil velho e vá de lhe despejar pancadas ao calhar. Tinha que ser; e, por azar, caiu-lhe uma na raiz da cabeça e o homem baqueou sem mugir nem tugar, numa poça de sangue. Pôs asas às canelas e desarvorou com nó nos gorgomilos que nem saliva deixava passar. Meteu ao mato, fez-se arriedio tempos sem conta. Na peúgida lhe foram emissários do soba, seu pai, com ordens severas de prisão, — morto ou vivo apparecesse o fugitivo — tanto fez ao caso. Galgou léguas, ganhou os limites de outra área, embrenhou-se, confundiu-se com tribo diferente, e logrou privilégios de consideração e estima, entre ela. Anos, muitos anos pingaram no oceano do tempo; arrefeceram ânimos e esperanças de vida no desaparecido. Ao lugarejo importava, para efeitos de sucessão ao chefado vago dentro em pouco, por óbito do velho Mocapêra, que, a bem dizer, andava de pês para a cova, rilhado de saudades do filho — um homem; e êsse garantia-o a irmã mais idosa do régulo, a Ágira, que trazia ao colo um rapazello gorducho com dois olhos matadores. Entrementes, a vida decorria fagueira ao Nualapila. Nem lembranças dos seus, nem vontade de regresso o apoquentava, assim, a miude. Remorsos mesmo, se o tomavam, era em minuto mau, quando, em noites fumarentas estendia o corpanzil na esteira de bambú. De resto, folgazão e femeeiro não se gabava aquela tribo de possuir, segundo tam desempenado e atreito a pândegas. Mal a marimba lhe assentava nos joelhos, não havia nova nem velha que não sentisse logo saracotes marotos. Mulher derriçada, era dêle. Assim prestigioso, tanto cabeças de prata como mocidade davam-lhe lugar de destaque em festanças e banzês, rendiam-lhe vénias por eidos e estradas. De boa cepa nato, de melhor rês saído, o malandrim era o vivo diabo de quanto casal aninhasse pelas redondezas. Também de valente criára sua fama e, marido atraído que o fôsse, humil se lhe dirigia a implorar reparação monetária. Bem ou mal sucedido metia-se a silêncio e imigrava, que, questiúnculos com semelhança melcatrefe era arriscar o pêlo.

Pois, em noite de bacanal (contava já vinte e tantos anos de voluntário exílio) viajor desconhecido — por um acaso — reteriu-lhe a morte do pai. Súbito o tomou grande alegria e à mistura vontade enorme de voltar ao pátrio casal. Sem mais delongas se foi pelo alforge, pela flecha da azagaia e se botou ao caminho. Três dias e três noites aos pedibus

calcantibus implorou auxílio. Alfim estava mais morto que vivo a mendigar poitada e manança para aquela noite e também para o dia que vinha ainda de jornada. Olhos esbugalhados, narinas dilatadas, pingas de suor a despeparem-se — lhe do queixo prognata, exaltava-se à ideia de que já era de novo livre, rico e senhor como mais nenhum. Mal o sol desce de rogar a juba por vales e outeiros, retomava a marcha para o trono afamado dos Mocapêras. Rei! Rei! Igualmente acocorada, rente a êle, a hospedeira, com expressão infantil, ouviu-o sem o interromper uma só vez. — Má casta de mandanga se te abrigou no peito, régulo novo!

Arrefecera-lhe a soneira. Lesta que nem pêla, meteu à cozinha por sustento. Ele, cego de fome, não deu pela saída nem lardança. Fala-só, quando se esticou num espreguicador de gato em seteira, já ela estava de volta com a manja: massa de milho, dois ratos tostadinhos no fundo de panela de barro e cantil pando de uteca fresca. Um mundo de iguarias! Passou as manáplas por água e abançou faminto. A mulher tomou assento à direita; descaída de banda, o mendinho a riscar o chão da choça, pôs-se para ali a falacear de si.

— Pobre dela, pobretona dela! Também tinha a sua história e bem triste afinal. Pai nem mãe conheceu. Família se a tinha, não o sabia. Dera por si naquela funda, mais parecia filha da selva que de gente. Outrossim, a tanta lonjura do mundo vivia que dêle não queria saber para coisa alguma, nem êle a importava. Tinha as suas coisas, trabalhava de dia para comer de noite, vestia capulanas que raro vendilhão lhe levava para mercar. Certo dia, no ano da fome, ali arrimara banabóia espertalhão para a seduzir. Conseguira-o e, ao cabo, fora-lhe no coice para povo circunvizinho. O destino não se force — armou-lhe rede rapazote dos sítios. Muarusse, não possuía ainda a verdadeira experiência do Mundo. Entregou-se — em bem má hora o fez. Soube-se, fugiu. O homem dela, a arder em ciúme, fora-se ao outro para lhe dar cabo da raça. Lutaram. Ele ficara ferido; o outro dera-lhe de vila-diogo e nunca mais se soube se era morto, se vivo. O marido, curado, voltou para a levar de novo. Recusou. Fez finca-pé na sua, e êle jurara pendura-la em gallia de mangueira rente à porta. Tranzida de mêdo corraera por uma faca, dera profundo golpe num braço; depois, fôra à Administração apresentar queixa contra o marido: — que tentara mata-la. Prêso, condenado, devia a horas tais — se a terra ainda o não mascara — andar por Inhambane.

O Nualapila acabava de servir o último gole de uteca. Barriguinha cheia, moleza de embriaguez a toldar-lhe os

olhos, a tolher-lhe os movimentos, não deu atenção àquela lenga-lenga da hospedeira. As quatro achas que, desde a chegada ardiam ao centro da palhota, estavam tições e o fogacho que iluminava o recinto começava a emfitear, rapidamente. Ensonado, o caminheiro encostou-se ao tabique e adormeceu profundamente. Ela deixou-se cair para um canto e dormiu também.

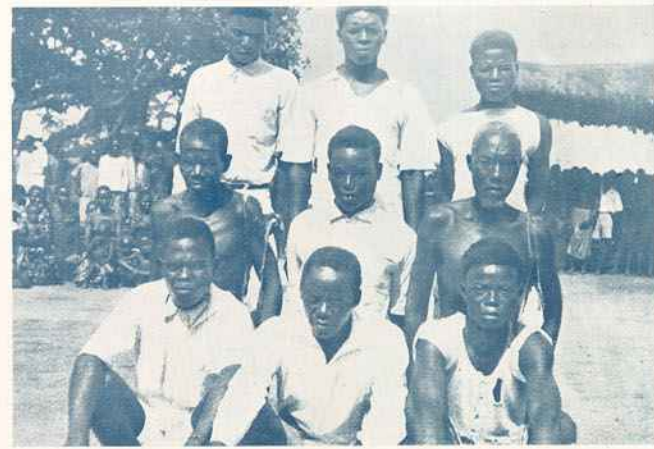
Noite defunta, estremeceram num amplexo doído de carnalidade.

Quando o galaroz caseiro saúdo, pela primeira vez, a madrugada nascente, um atrás, outro adiante iniciaram a marcha em direitura ao côrrego sombrio, onde êle, havia um rôr de anos, arranjara poitada. Ambos calados, a gozarem as delicias daquela frescurinha da manhã, matavam; ela, se não seria aquele o atrevido rapazote que a desinquietera vinte anos antes; êle, na decisão muda que aquela mulher desenvolta e bonita, tomara, assim do pê para a mão, sem mais nem menos. Chilape, chilape, por aqui, por ali, cruzava a intimidade da brenha, matula friorenta, interidinha, com capulanas na cabeça, à trouxe-mouxe, em demanda de machambas suas ou dos brancos. Nas lombadas, onde o sol ainda não fôra visto, andavam mulheres em luta com o capim, muito malcriadas em gritaria com filhotes marotos que pinchavam e guinchavam mais que macaco pisado no rabo. De um e outro lado, na sumptuosa magia da selva, havia resíduos de cinza negra, montículos de tições húmidos, línguas raras de labareda ainda crepitante, ainda viva, que o último incêndio deixara a constituir espólio da tremenda refrega travada com o reino vegetal, em vésperas. E era nessas clareiras enormes que o gentio, amanhã, havia de semear o seu amendoim, o milho, o feijão, a mandioca, a mapira, a



Um «muleta» em jornada

ameixoeira, que meses depois, em sacolas de pele de chango ou paláve iria recheiar-lhe o celeiro para um ano inteiro de fartura. Os povoados, à pendura em têrgos, dir-se-iam mēdas de feno em eira larga de lavrador minhoto com cabedais colmadros, redondos, barrentos e verme-lhos; um aqui, outro acolá, outro mais além, sem simetria nem preocupação estética, abrigava famílias inteiras com muitas ramificações, numa comunidade estreita com tarântulas e aranhas, muchém e pulpas, caninos e roedores. Identificavam-nos, — mesmo antes das clareiras que lhes ofereciam adro — um ou outro galináceo espantadico, de cacarejo pronto ao mínimo ruído; cachorro famélico de cauda entre trasceiras, a esgueirar-se para



Grupo de indígenas do distrito de Moçambique, vendo-se no primeiro plano: três chitiges; no segundo, três «muletas», e no terceiro, três «mitrasses»



Um soba com sua filha

o mato sempre que pressentia desconhecido; catraíagem obesa, de monco a escorrer para a bôca, de perna leve e faro apurado a fazer algazarra ao transeunte. E, não raro um ou outro lenhador que ia ao mato por galhos novos para palhota nova, caçador que, com três flechas e arco na dextra, ia tentar as sortes em cata de gazela nova.

Sol a pino. Cheirava a terra a sangue, bebia sangue a terra.

Ficava a um tiro dali, o côrrego. Opressos, os caminheiros estugaram o passo. Pouco depois — como se houvessem feito longa combinação, jura mútua de honra — estavam ambos junto à palhota negra, velha, bafienta e húmida. Mal chegou, sem proferir palavra, o Naulapila arrimou a um canto; anichou-se resvés à porta; fincou-se na coxa musculosa e deixou-se ficar abstracto a esmoer o quer que fôsse de íntimo arrependimento. E ela, muito senhora do seu nariz, perante a indiferença dêle, arrastou-

-se até morro de muchém perto dali, para dar largas à curiosidade. E embora os muitos anos roam, destruam corpos e consciências, ela voltou-se involuntariamente e viu, nitidamente viu, o mesmo moçoilo feito homem hoje, sentado e pensativo como vencido da vida, a acenar como outrora, o feiticeiro lenço encarnado. Remoçada, num ímpeto leviano de sangue pueril, correu para o homem, abraçou-o, muito, muito... — Oh, Naulapila! Oh, Naulapila! Eras tu, Naulapila, fôste tu Naulapila!

Perplexo, não encontrou justificação momentânea para aquela brusca mudança operada na companheira. — Fui eu? Fui eu o quê?!

— Fôste, fôste tu... —

— Eu?!

— Não te lembras?

— De nada. Não me lembro de nada!

— É Quem era que me acenava tôdas as tardes com um lenço encarnado, de cima daquele morro?

— Hein?! Como? Hein?!

— Sou a machambeira, a Malia, mulher do Carramo. Ainda não te recordas?

Mudara a sua expressão completamente. Endireitou-se, poisou a mão na ilharga, começou a bambolear-se num nervosismo incontido. — Como?! Mas não esperou resposta. Patético, fora de si, foi-se a ela, abraçou-a, amachucou-a — mais animal que nunca.

Acontecimento graúdo representara o retorno de Naulapila para a pacata greí. Senhores e pobretes à porta lhe foram com dádivas. Era o rei! Reconhecido como sucessor do morto, ajuramentado, foi ao cerimonial da posse. Cortaram-lhe a guedelha à escovinha em como sinal de respeitabilidade; puzeram-lhe cinza na cabeça como indicação de regozijo. E nesse dia, conselheiros, indunas e polícias, passaram-lhe para o domínio a herança do soba ido; vinte e três fêmeas velhas e novas, bonitas e feias, que constituíam o pessoal da côrte. A Malia, porém, não gostou. Sonhava ela, desde há 24 horas, que o caminheiro fôsse só seu. E disputou e chegou mesmo às do cabo para demonstrar que, no pior dos casos — só a si assistia o direito de ser mulher grande do novo chefe. Tanto fez. A tradição cafreál é barreira intransponível, e ela teve que se deixar ficar do lado de cá, desiludida, impotente para a vencer. Quedou-se como tantas outras mulheres, submissa, uma não-te-rales com coisa nenhuma, a tecer castelinhos no ar de felicidade nova. Escrava se entregava quanta franganota vinha a muarusse todos os anos, e também todos os anos, ia cuidadosamente renovando o seu harém. A tal ponto chegou a escolha do dodivanas que Malia subiu a mulher grada. Tão pronto solícito pagem lho anunciou com pano de ramagens comemorativo, disfarçou a comoção, ganhou a porta da saída do serralho e foi consultar coscuheiro experimentado em mezinhas. Trefe-trefe, regressou senhora duma enorme, duma grande vontade de vingança. Noite luarenta, prevenida com antecedência, apuramentou-se: lábios carnudos a verterem sangue, olhos chispantes de estranho fulgor dirigiu-se para o régio aposento. Ao outro dia, dia já velho — fartos de esperar, os conselheiros bateram à porta com insistência. O silêncio impressionou-os. Depois chamaram gente, mandaram deitar ombros à porta. Dentro, numa enxêrga de caniço, ainda abraçados, inanimados, frios como gêlo, dormiam sono eterno o soba Naulapila e sua mulher Malia.

— Faze hoje ao teu semelhante o que quizeres que o teu semelhante te faça no dia seguinte — disseram, à uma, os que presenciaram aquela cena singular de amor e de morte.

Meconta, 1 de Fevereiro de 1938.

SOARES DE CASTRO

FIGURAS E FACTOS



Mais uma edição do livro *Os pescadores do saudável* escritor Raul Brandão. Embora se diga que em Portugal não se lê, a verdade é que os bons livros esgotam-se por maiores que sejam as tiragens. Raul Brandão será sempre um escritor, cuja obra rejuvenesce dia a dia



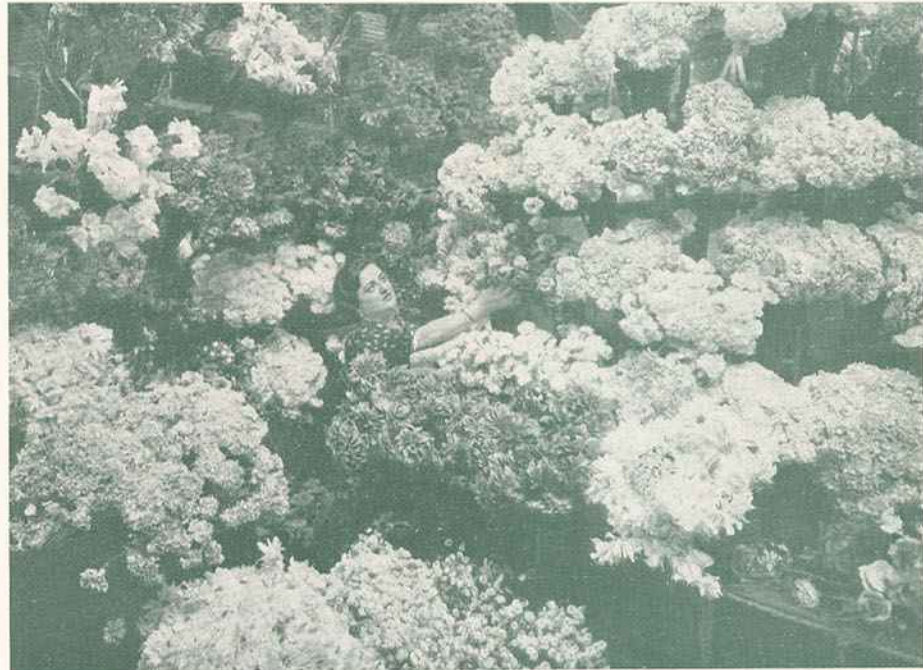
Normas de moral é o título do livro que o professor sr. Soares de Almeida escreveu para a formação do carácter. Ali se empilham lições que mostram a vida tal como é, tendo por fim ministrar a educação pelo exemplo. Boa foi a intenção do autor. Oxalá que aproveite



Eduardo Metzner Leone, um novo, acaba de publicar um livro que intitulou *A Ideia Nova* que dedica aos novos, indicando-lhes o horizonte. Como estreia, o trabalho do jovem escritor mostra eloquentemente o muito que há a esperar do seu belo talento



Recreações filológicas se intitula o novo livro que o erudito Jorge Danpiás nos apresenta para nosso guia na trilha dos que pretendem aprender alguma coisa. Como o próprio título diz — recreia e instrue. Eis, pois, um livro precioso e preciso em qualquer estante



Ao CENTRO: O famoso pugilista Joe Louis que venceu fulminantemente o seu terrível adversário Max Schmelling. — À DIREITA: Uma rosa entre rosas. — A sr.^{ta} D. Alice Alves — rainha das flores — no seu trono de rosas na Praça da Figueira, onde a surpreendeu a objectiva do grande artista fotográfico São-Payo. — EM BAIXO: A passagem do «Quarteto Vocal Português» que representou o nosso país nas festas folclóricas de Hamburgo, e era constituído pelos srs. Mota Pereira, Paulo de Amorim, Fernando Pereira e Guilherme Kjölnér. Os seus trajos regionais portugueses despertaram grande entusiasmo na Alemanha. Este quarteto voltará breve à Alemanha para satisfazer os instantes pedidos de corporações que o querem escutar e apreciar. Em boa verdade é consolador ver fazer realçar o bom nome da nossa Pátria além fronteiras. Não é porque isso nos orgulhe, visto que Portugal, pelo seu passado glorioso, desde há muitos séculos que tem o direito de enfileirar com os grandes países do Universo. Mas torna-se-nos agradável ver que se faz justiça a esta Pátria que é a mais bela do Mundo.



Uma excelente partida na final dos 150 metros nos Campeonatos de Juniores

As primeiras organizações do atletismo em pista, reservadas aos novos praticantes tiveram a virtude de reunir número elevado de concorrentes, representando as colectividades com tradições nesta modalidade e mais algumas que agora se lhe vêm juntar; em contrapartida, porém, deixaram desagradável impressão de espectáculo desorganizado, falho duma orientação superior firme e da presença dalgum com desembaraço e competência que encaminhasse as provas de forma a convencer a assistência dos progressos e da disciplina dirigente do atletismo português.



As quatro finalistas do campeonato de França, pares femininos, ganho pela inglesa Yorke e a francesa Mathieu, as duas da direita

Dentro do recinto allético andavam muito mais indivíduos em traje de passeio do que participantes equipados, mas apesar disso, ou talvez por isso mesmo, os intervalos arrastavam-se intermináveis, a hora anunciada para início não mereceu para os organizadores a mínima consideração e a ordem na pista e nos locais de concurso imitava na perfeição a melhor desordem.

Verifica-se, em resumo, que continuamos a brincar aos termos de atletismo, num ambiente desolador de incapacidade geral, cujos principais culpados são sempre os clubes que enviam para dirigir as entidades associativas indivíduos servidores dos interesses da colectividade em vez de creaturas com insenção de espírito para governar sem favoritismos, e orientam o seu trabalho interno exclusivamente no sentido da vitória omitindo educar e aperfeiçoar.

O merecimento dum concurso allético não deve ser medido apenas pelo valor dos resultados alcançados; existe, a par, um mínimo de disciplina indispensável, sem o

qual uma organização desportiva passa a ser um espectáculo de paixões representáveis servido pelo exemplo da desorientação superior.

O espírito do meio é já pouco favorável à manutenção do ambiente de compostura, atribuído inseparável das organizações desportivas; o público, regra geral, assume atitudes impróprias que, embora sejam provocados por minoria dos espectadores, demonstram mentalidade contra a qual é necessário lutar com severidade, sendo primeiro elemento de combate o procedimento escrupuloso dos dirigentes e praticantes.

A QUINZENA DESPORTIVA

Se desviarmos a atenção para outros terrenos de desporto, depara-se-nos situação ainda pior; nos campos de football, a rivalidade excessiva e a ausência de respeito pelo adversário têm dado a origem a manifestações de incivildade desprimorosas para o brio do desporto português. Alguns públicos clubistas tomaram como norma assobiar e invetivar as equipas visitantes, cujos partidários retribuem depois o mimo, na visita de retôrno; é, como disse com grande propósito um jornalista distinto, o campeonato do "cá te espe ro à volta..

Com estes processos, um torneio que poderia ser nobre competição de excelente propaganda, perverte-se em espectáculo indecoroso que nos provoca arrependimento de apregoar o desporto como um factor educativo.

Depois duma época de pobríssima actividade, o ciclismo nacional vai ressurgir no entusiasmo popular, por intermédio da famosa "Volta a Portugal" em bicicleta cuja organização pode considerar-se definitivamente assente.

Os nossos colegas "Os Sports" e "Diário de Notícias" dispõem-se a retomar o fio da sua formidável iniciativa, origem de tantas discussões e comentários, mas que ninguém se decide a levar a efeito se eles o não fizerem; por outro lado a colaboração dos principais clubes ficou, como era lógico, prontamente assegurada e o êxito da empresa considera-se realidade, salvaguardando a hipótese, improvável mas possível, de surgir qualquer habilidade política a entrar-lhe a marcha.

Sendo assim, teremos de novo daqui a dois meses, após dois anos de interrupção, a caravana ciclista da Volta percorrendo de lés a lés as estradas do país, espalhando por toda a parte o entusiasmo, captando o interesse da população, desde o mais pacato português ao desportista apaixonado.

Para a província, nenhum outro acontecimento desportivo que se anunciasse poderia ser mais agradável; para as capitais, a novidade representa a certeza duma quinzena de permanente anciedade no seguimento das peripécias da luta entre os corredores favoritos; para os clubes e ciclistas, a compensação dum ano de trabalhos, que a miséria do programa oficial de provas não chegava para compensar.

Benfica e Sporting resolveram entre si no domingo último a vitória no campeonato nacional de football que ambos ambicionavam conquistar pela quarta vez.

Escrevemos antes da data do encontro, cuja decisão o leitor já conhecerá, não para estabelecer previsões que seriam

descabidas, mas para encontrar pretexto a referência de ordem geral à prova máxima do nosso mais popular desporto.

O campeonato deste ano foi assinalado pelos caprichos do sorteio, que arredaram nos quartos de final dois dos mais fortes competidores, entre eles o campeão da época passada; e foi também caracterizado por incidentes à margem da doutrina desportiva, aos quais atrás fizemos referência e a autoridade disciplinadora dos dirigentes federativos saberá, por certo, impedir que se generalizem.

Desde a criação do Torneio da Liga, o interesse da temporada dividiu-se pelas duas competições e têm surgido opiniões de que deveria ser àquela prova atribuído o título de campeonato nacional, ficando para o actual campeonato a designação de Taça de Portugal, seguindo-se assim a norma adoptada nos principais países europeus.

Achamos o critério muito razoável e bem poderiam modificar-se nesse sentido as disposições da regulamentação oficial; isto, com vistas ao futuro e sem qualquer influência presente. Desta simples hipótese ao facto de considerar já campeão de Portugal o vencedor da Liga, vai uma distância que só se justifica pela razão de fazer do desejo realidade.

A Itália ganhou pela segunda vez consecutiva o campeonato do mundo de football, derrotando na final a Hungria por 4-2, e antes desse adversário, no de-

curso da prova, a Noruega por 2-1, a França por 3-1 e o Brasil por 2-1.

O torneio alcançou um êxito formidável, não só no país organizador como na aqueles cujas representações tiveram entrada nos oitavos de final.

Um dos mais frizantes exemplos de interesse foi dado pelo Brasil, onde as vitórias da equipa nas primeiras rondas foram recebidas com louco entusiasmo, ao ponto de ser decretado feriado oficial no dia do encontro de meia-final com a Itália, para que todos os indivíduos pudessem acompanhar as peripécias do jogo pelo relato radiofónico.

As despesas globais foram calculadas em quatro milhões e as receitas brutas dos jogos de oitavo e quarto de final, incluindo as partidas de repetição por empate, excederam logo essa verba.

As duas meias-finais renderam 890.000 frs; a final e o jogo para apuramento do terceiro classificado, aproximadamente um milhão.

O encontro que deu maior rendimento foi o da França com a Itália, em Paris, cuja receita atingiu 875.813 francos; Brasil-Checo Eslováquia, disputado em Bordeus, trouxe para os cofres da entidade organizadora 350.000 frs., Itália-Brasil,



Um documento fotográfico que é um estudo psicológico: os alemães, derrotados pelos suíços, exprimem ao resto o profundo abatimento em que sucumbem

em Marselha, 445.500 frs. e os dois encontros Alemanha-Suíça, a bonita soma de 831.000 frs.

O maior número de espectadores reunidos para assistir a jogo de campeonato foi de 58.500, em Colombes, cuja lotação fôra aumentada para 60.000 lugares. O encontro mais fraco foi o primeiro Cuba-Roménia, em Toulouse, presenciado apenas por 6.700 pessoas, rendendo 103.335 francos; é curioso registar que o jogo de repetição entre estes países, feito ao dia de semana com bilhetes mais baratos, chamou mais público e rendeu apenas 63.000 francos, a menor receita da prova.

SALAZAR CARREIRA



A equipa italiana, pela segunda vez vencedora do campeonato do mundo de football, teve no seu avançado centro, Piola, o melhor realizador. É-lhe, marcado contra os húngaros o último ponto da final

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, 2 vol.; Sí-mões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga lingua-gem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.ª ed.; Fonseca & Roquette (Sinóni-mos e língua); F. Torrinha; A. Coim-bra; Moreno; Ligorac; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Cha-ves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Re-belo Hespanha; Lusíadas; Dicioná-rio de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 8

(3.º NÚMERO DO TORNEIO)

DECIFRADORES

Totalistas (20 pontos)

Ramon Lágrimas, Sol de Inverno, Matina, Sevla, Dama Negra e Infante

OUTROS DECIFRADORES

Barão Y — 18. M. A. P. M. — 17. Ti-Beado — 16. Larabasto — 14. Diriso, Pimpas, Mirna e Visconde X — 12. Francisco J. Courelas — 15.

DECIFRAÇÕES

1 — Tarrinco. 2 — Caída. 3 — Lata. 4 — Liga-me. 5 — Boava. 6 — Nada. 7 — Ucha. 8 — Alta-nado. 9 — Malfeito. 10 — Caviloso. 11 — For(ca)-do. 12 — Pa(lon)ço. 13 — Ma(ta)gal. 14 — A(ber)-ta. 15 — Abo(mi)nado. 16 — Fun(da)do. 17 — Pe(r)igo. 18 — Ma(tan)te. 19 — E(len)co. 20 — O cavalo limpa a égua.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS

Como se fazia sentir a falta de um dicionário antroponímico, uma vez que tínhamos suprimido da nossa Secção o dicionário auxiliar de A. M. de Sousa, resolvemos adoptar, de futuro, o Pe-queno Dicionário de Nomes Próprios de S. Pa-checo cujo preço é apenas de 3\$00. Os pedidos podem ser feitos à Livraria Bertrand.

OBSERVAÇÃO AOS PRODUTORES

As dificuldades que os principiantes encon-tram na decifração de certos trabalhos char-actísticos, provoca o seu natural afastamento do meio edípista. A fim de obviar a este inconveniente solicitamos dos nossos estimados colabo-radores trabalhos de fácil soletração, pois o seu mérito em nada será prejudicado e a apresen-tação de produções com enredo fácil concor-rerá, decerto, para estimular e aumentar o nú-mero de adeptos do charadismo.

RECTIFICAÇÕES

Os trabalhos em verso n.ºs 2 e 3 do penúltimo número devem ter a designação de *Charadas antigas*. E o desenhado do número anterior a de *pitresco*.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFO

1) Rompe a Aurora, canta o galo;
Ergue-se o Teles Bordalo
Em luta demasiada,
Numa fúria sem *desejo*, — 11-2-8-12-7
Trata a terra sem remanso
Sem deixar uma *pol' gada*. — 9-10-6-4-7

Tôda a vida a trabalhar
Sem nunca se *apaixouar* — 6-13-3-2-8
Por nenhuma cachopita,
Só conhece a obrigação
De agricultar o bom pão
De que a gente necessita.

E diz, com *vivacidade*; — 1-4-8-12-7
— Como pode a humanidade
Viver sem este alimento?...
Eu trabalho noite e dia
E meu corpo se atrofia
P'ra ter em *ordem* o sustento. — 5-2-8-12-2

Meus amigos acham *reles*
O pensar do nosso Teles?

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

SECÇÃO CHARADÍSTICA
Desporto mental
Sob a direcção de ORDISI
NÚMERO 17

CHARADAS ANTIGAS

Agradecimento, retribuição e resposta ao amável confrade «Infante»

«Mas há pernas... Santo Deus!»
«Infantes (Desporto n.º 14)»

2) Que estranheza a do ilustre confrade
Vendo as damas mostrar o joelho!
Ai «Infante»! Que infantilidade!
Não será um infante... já velho?...

Desde as donas que ostentam chapéu — 1
A' labrega, à «sopreira», à servente,
Tôdas andam de pernas ao léu,
Tôdas mostram as pernas à gente.

As cruzá-las nem já se acautelam...
E os «gulosos» de tais «panoramas»
Já notaram que as próprias madamas
Também gostam de as ver que se «pelam»?

São as pernas da espôsa do Braz
Tão bem feitas!... São dois «monumentos»!
Mas nos carros, o pobre rapaz,
Se a acompanha... que duros tormentos!

Traça a perna; e aos dos bancos fronteiros
Mostra a liga, os «dessous», a calcinha.
E' «queimada» p'lo olhar dos «frecheiros»
E é o Braz quem se dói e abespinha!...

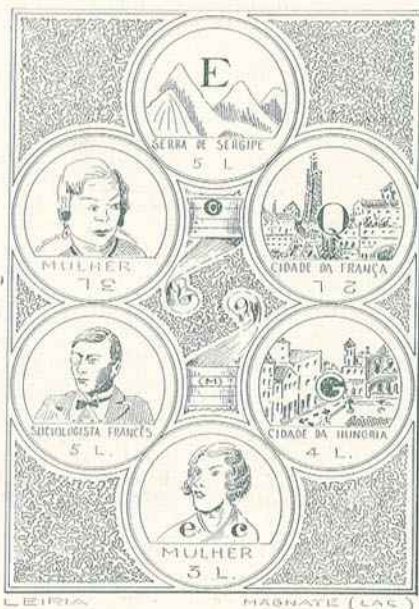
Vai bramando a caminho do lar
Contra as saias: — «São curtas... Sem roda...»
E ela... «moita»... Enfim diz, p'r'o calar:
— «Só em mim achas feia esta moda!...» —

E já *livre* do olhar dos trocistas, — 2
Maldizendo a doídice, o consórcio,
Com mulher que dá tanto nas vistas,
Entra em casa a pensar no *divórcio*.

Lisboa *Sileno*

3) Ninharias, *bagatelas*, — 2
São palavras diferentes
E sinónimas do que elas — 1
Se revelam indif'rentes.

17) ENIGMA FIGURADO



Em frases bastantes duras
Seu conceito não oculto;
Vê, confrade, se o procura
No meio dêste *tumulto*.

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

SINCOPADA

4) Jámais de ti posso estar
Um momento *separado*;
Pois não vês, meu amor,
Como estou sempre *amuado*?; ... —

[5-4

Leiria *Magnate (L. A. C.)*

ENIGMA

(*Quadrás soltas*)

5) Amor, amor, *luz sem fim*,
P'ra começo de uma vida,
É chama que para mim,
Será sempre estremeçada.

Adeus, minha qu'rida aldeia,
terrinh que sempre amei.
Nunca me foges da ideia,
sempre por ti suspirei.

Tudo na vida *termina*,
com a cruel despedida.
É esta a única sina,
que nunca será perdida

Roubei-te, com grande amor,
um beijinho... Foi segura...
Perdoa, meu qu'rido amor:
foi *acesso de loucura*.

Lisboa *Adeusinho (L. A. C.)*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

6) *File* além o «estreito» e verificará a *imagem do sol reflectida numa névem*. 2-2.

Lisboa *Sileno (T. E.)*

7) ...E entre o *arvoredo* lá estava o coval dum *cão pequeno e vulgar, coberto de plantas silvestres*. 2-2.

Lisboa *De Negro (M. D. C.)*

8) É *rude no trato* o «homem» que vive em *casa da malta*. 2-1.

Luanda *Ti-Beado*

9) Quem tem bom *lucro* não *aveza* *pobreza*. 1-2.

Lisboa *Ricardo (T. E.)*

10) O homem que arde *despido* de preconceitos come muito *pão fofô*. Depois torna-se um *inepto*. 1-1.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

11) A *usuta* do *dinheiro* terminou com a *guerra* *sauta*. 3-3.

Lisboa *Mr. Dell*

SINCOPADAS

12) É uma *maravilha* o *vinho* da região do *Douro*. 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

13) Uma multidão *aguerrida* matou o *dese-mbargador*. 3-2

Lisboa *(M. A. P. M.)*

14) Além de *ingénua* é também *velhaca*. 3-2.

Lisboa *Mirna*

15) Amo a *brisa* e *nada* mais. 3-2.

Vila de Rei *Dóris I*

16) Por ser *usurária* deu em *maluca*. 3-2.

Lisboa *Agasio*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: *Isidro António Gato*, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

ACTIVIDADES ALEMÃS



Raparigas polacas dançando na coberta do barco alemão «Wilhelm Gustloff», ancorado em Hamburgo, numa festa que tem por fim a aproximação das duas nações



Outro curiosíssimo grupo de polacos dançando nas ruas de Hamburgo por ocasião do congresso que teve por fim estreitas as boas relações entre os povos



Armadura japonesa do século XVII exposta na secção japonesa da grande exposição industrial de Berlim



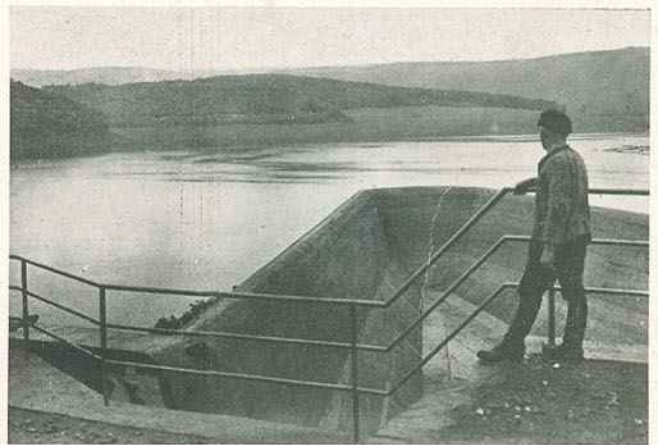
Bordadoras magyares trabalhando na secção húngara da grande exposição industrial realizada em Berlim



Mulheres romenas confeccionando tapetes na grande exposição internacional que está aberta até 10 de julho



Um recente modelo com dispositivo volante automático que figurará entre mais de 400 no concurso dos moldes de aeroplanos para voo sem motor



Um aspecto da gigantesca represa alemã no rio Ruhr para a contenção das águas por ocasião das inundações e utilização das suas forças



gravam na alma e que não dá semente podem fazer germinar nesses pequenos cérebros, nesses coraçõesinhos inanos e aptos a sofrer a inclinação que se lhes der.

Não pode haver pior educação. A criança que sem necessidade, para obter os superfluos da vida, se habitua a rebaixar-se pedindo esmola, perdendo por completo a noção da dignidade e habituando-se a satisfazer as suas fantasias à custa da sua dignidade, pode acabar mais tarde num triste elemento da sociedade.

É preciso criar na alma da criança o sentimento do próprio valor, habituá-la a ter a noção do que deve a si própria, e a só pedir quando a necessidade a isso a obrigar e quando pelo seu próprio esforço não consegue realizar na vida o necessário à sua manutenção.

Os vícios e os maus hábitos cedo se adquirem. Deve também incuti-se na criança o desejo de fazer bem e de acudir caritativamente às outras crianças, quando necessitadas. Deve a criança habituar-se a repartir com os mais pobres e com os que tem a mãe, e que não lhe faz falta. Porque assim vai levantando o seu alma e tornando-se muito melhor, é mais feliz e faz felizes aqueles que a rodeiam.

Nunca se devem habitar os pequeninos a terem medo de que desejam e sonham, porque se tornam insaciáveis e nada os satisfaz, mais tarde na vida tendo sempre fantasias novas, que acabam por torná-los perdulários e insatisfeitos.

A criança deve sentir todos os carinhos e atenções, tratando sempre de dar o maior bem-estar material, mas temos também a obrigação de lhe formar um moral sólido e elevado, no respeito pelo trabalho honesto e criando-as no respeito do dever e na mais completa concepção do que é bem e do que é mal.

É o melhor sistema de educação o ainda o exemplo do cumprimento inflexível do dever, que as crianças compreendem com a grande intuição que têm do que é bem e justo.

MARIA DE EÇA,

A moda

Este ano a moda, não se pode dizer que marque uma época, como tudo neste ano de 1938, ela é feita de retalhos. Ousada e avançada numas coisas, noutras é o retrocesso que marca. É como o espelho de todos os sentimentos humanos, como na política, na arte, em tudo; o embate de dois ideais.

Desta originalidade sai um esteticismo que favorece sem dúvida todos os tipos femininos, do momento que nenhum aproveitamos bem. Para ser elegante o que é preciso é que se saiba vestir a caráter e saber ver o que realça a linha do corpo que tem de usar o vestido.

É nunca a mulher, dentro da moda ponde como agora escolher o que faz realçar a sua beleza natural, visto que dispõe duma tão grande variedade de modelos, tão graciosos alguns e de manifesta comodidade outros.

Têm as nossas leitoras alguns graciosos modelos à sua disposição que certamente correspondem ao que de momento necessita o seu guarda-roupa.

Para viagem, passeio e desporto, temos um elegante e simples «toilette» do melhor efeito e comodamente prática. Vestido de riscas num tecido de algodão sólido e fácil de lavar, uma espécie de «crêpon» onde predominam os tons vermelho e azul escuro.

Simplex, abotoado à frente, sem qualquer ou-

PÁGINA FEMININAS

tra guarnição, que não seja os grossos botões em madeira.

Sobre este vestido um casaco muito simples em lã leve, azul escuro, fechado na cintura por um bonito fecho em «galali». O vestido pode ser usado sem o casaco, num dia quente mas em viagem à tarde o casaco é indispensável, quando começa o tempo a refrescar. Um grande «canotier» azul escuro enfeitado à fita «grain» e uma carteira em couro azul completam este gracioso conjunto.

Damos outro modelo para praia e campo muito simples e prático num tecido leve em fundo branco e riscas vermelhas, aproveitadas estas na saia para fazer um graciosíssimo desenho em espiñha, que as aligeiras cortam, com as riscas ao lado. Gola e laçada do mesmo no pescoço. Chapéu em palha panamá com uma fita vermelha em volta da copa. Acompanha-o um traje de tarde. Saia em «marrocaim» preto. Blusa em seda verde amendoada, abotoada à frente, «empieccamente» em pregas miudadas que se reproduzem nas mangas formando guarnição e apresentando uma graciosíssima forma moderna, é muito prática esta «toilette».

Não podemos de forma alguma esquecer os vestidos de noite, que são sempre preciosos, mesmo nas mais pacatas vilegiaturas, porque sempre nas proximidades há um casino, onde com a facilidade dos automóveis é difícil deixar de ir. Para essas noites damos um modelo de vestido para senhora, do melhor gosto. Sobre um fundo um setim preto guarnecido a renda preta, um vestido em fino tule preto plissado, e guarnecido a minúsculos folhinhos no mesmo tule. É elegantíssimo e dum lindo efeito.

É preciso não esquecermos os chapéus que se em algumas vilegiaturas, estão postos de parte, noutras são indispensáveis. Temos um lindo chapéu grande de aba direita em palha donrada guarnecido com uma fita azul escura e um enorme véu graciosamente disposto na mesma cor. É da

maior elegância e distinção. Damos um modelo dos chapéus, que ressuscitam os últimos anos do século passado.

Um pequeno chapéu em palha fina, branca, guarnecido com riscas vermelhas, e variadas flores envoltas num véu branco que dá uma laçada e cai pelas costas abaixo em duas longas pautas. É um dos mais modernos modelos, se bem que seja de molde antigo.

A tristeza na infância

Nada há mais conflagrador que a tristeza na vida das crianças. Ao abrir os seus olhos à vida a criança aspira à alegria. Os seus lábios



sorridentes, as suas mãosinhas estendidas, querem luz, alegria e felicidade.

Mas quantas crianças não se ressentem da fatalidade, quantas não sofrem as agruras da miséria, a fome, o frio, a falta de roupa, de tudo o que é necessário à vida, e que piedade não inspiram esses entezinhos indefesos, que apesar de tudo sorriem a vida, na inconsciência da sua profunda inocência. Outras nada lhes falta do conforto material, têm tudo; mas falta lhes o amor, o carinho, que tão necessário é à infância.

Lares que a fatalidade desfez, crianças a quem a morte roubou os pais, outras em que o vendaval da loucura arrebatou cada um para seu lado, como são lamentáveis seres pequeninos, arrastados ora por um, ora por outro. Tristes infâncias que inspiram compaixão aos mais duros corações. É que na aurora da vida tudo deve ser belo e róseo.

A vaidade

Este um dos maiores defeitos femininos, a vaidade estraga a vida de muita mulher e faz a infelicidade de muitas famílias.

É a vaidade que arrasta a mulher a despesas supérfluas que lhe tornam difícil a vida. A «toilette», esse vício feminino que obriga a mulheres vaidosas a gastar tanto dinheiro é provocado pelo vaidoso desejo de parecer mais bela do que as outras mulheres.

Não são as mulheres bonitas as que mais gostam em se vestir. Essas têm a natural vaidade de supor que não precisam de ornamento à sua beleza e que basta mostrar-se para encantar.

A mulher que não é bonita e muitas vezes já não está na primeira juventude, é aquela que mais adora o luxo, dependendo fortunas, para conseguir o cetro da elegância, já que não possui o da beleza.

Essa vaidade é motivo de desgraças muitas vezes, mas como tudo neste mundo tem uma vantagem; tem a de dar trabalho nos que se ocupam da elegância feminina.

Injusta fama

A mulher tem a injusta fama de ser muito variável em questões de amor. Lá está o ditado francês: «Souvent femme varie, bien fol qui s'y fie». Também na célebre aria do duque de Mantua na ópera «Rigoletto» lá diz: «Là donna è mobile... Mas imediatamente se desmente acusação, porque quem é horivelmente «mobile» é o duque de Mantua.

A infidelidade no amor é muito mais accentuada no homem do que na mulher. Não é pois justo que o homem carregue com os seus defeitos à mulher, bastam-lhe os que já tem porque quem é que não os tem? A infidelidade amorosa é muito mais vulgar no homem do que na mulher que é em geral muito mais constante nas suas afeições, a exceção confirma a regra.

Há com efeito excepções, mas se formos a observar com justiça e imparcialidade essas excepções são em geral provocadas pela atitude do homem e não por natural tendência da mulher.

Higiene e beleza

Estamos na época em que a mulher sem grandes trabalhos pode aumentar a sua beleza e torna-la mais brilhante: Nada de melhor para a beleza da pele, para a saúde perfeita do que uma cura de frutas.

Começar por estar três dias a fruta, acompanhando dum pouco de pão. Deixar passar oito dias e fazer quatro dias a fruta. No mês seguinte fazer o mesmo. É esta a melhor maneira de conseguir uma linda pele e uma desintoxicação completa do organismo que só tem a lucrar com ela.

A vida ao ar livre é absolutamente aconselhável nesta época do ano, mas convém evitar que a pele se ressequia. É ótimo o uso dum creme com base de tutano de boi. Este creme não se deve usar senão quando se está exposto ao ar e ao sol.

Ao chegar a casa limpar a cara com um algodão e fazer a «maquillage» habitual.

Tendo este cuidado a pele em nada se ressequia e pode conservar-se a mais brilhante cutis.

Receitas de cozinha

Ervilhas à francesa: — Numa caçarola de tamanho médio, deita-se um litro de ervilhas, devem dessecar-se à última hora, 125 gramas



de manteiga, 10 gramas de sal, 20 gramas de açúcar, 12 cebolinhas, pêsco de salsa, 2 raminhos de cerefolho e bastante alface que seia tenra. Mexe-se tudo para ligar bem; cobre-se e deixa-se ao ar durante uma hora.

No ocasião de se porem as ervilhas a cozer, deitam-se-lhe 4 colheres de água fria (é inútil deitar-lhe mais água, pois a esta junta-se a das próprias ervilhas).

Logo que comecar a ferver tapa-se a caçarola, com um prato côncavo contendo um pouco de açúcar.

Deve cozer fortemente durante 30 a 35 minutos. Terminada a sua cozedura, faz-se diminuir rapidamente a caldeia que sobrou, retiram-se-lhe os ramos de salsa, e os de cheiro, ligam-se às ervilhas 40 a 50 gramas de manteiga, fora do lume; deitam-se num prato os legumes, dispostos por cima folhas de alface. É um prato delicioso, que fica muito bem acompanhado com fatias de fambre ou costeletas de vitela grelhada.

De mulher para mulher

Alda: 1.º A grande «capeline» é sempre útil no verão e fica bem com todas as «toilettes». 2.º O médico é que deve indicar se lhe convém a praia, o campo, ou a montanha. 3.º São coisas muito delicadas que só o conhecimento perfeito das pessoas pode indicar qual a maneira de proceder. Aconselhe-se com a sua sensibilidade.

Corajosa: Há pessoas que preferem num casamento por procuração, o sossego e a intimidade e é na verdade o que lhe aconselho, felicite-a por ter na viagem tão boa companhia, porque é triste, ver a bordo isolada uma jovem, e creia, que é difícil a situação e não se deve esquecer de que já não é livre. Felicidade.

Curiosa: Creio que já não há dificuldades na travessia da Espanha. Em todo o caso não seria mau perguntar nos «Vagabundos-Lis» e informarem-se bem. Os Pirineus são encantadores, há lugares lindíssimos e onde se está muito bem mas tenho a impressão que neste momento não estará talvez muito agradável para aqueles lados. Talvez em Rau ficasse bem.

PIM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — R. D. 2
Copas — A. 4, 3, 2
Ouros — R. 2.
Paus — A. R. V. 6

Espadas — 8, 7 **N** Espadas — V. 10, 9
Copas — V. 10, 9, 8 **E O** Copas — D. 7, 6
Ouros — V. 9, 8 **Ouros** — D. 10
Paus — 10, 9, 8, 7 **S** Paus — D. 5, 4, 3, 2

Espadas — A. 6, 5, 4, 3
Copas — R. 5
Ouros — A. 7, 6, 5, 4, 3
Paus — ———

Trunfo espadas. **S** faz chelem grande, saindo **O** por V. de copas.

(Solução do número anterior)

O joga R. *p.*, que faz.
O joga 7 *c.*, ^(a) **S** — R. *c.* e joga A *c.* e 3 *p.*.
N joga A. *p.* e 4 *c.*, que **S** corta e trunfa 4 vezes.
N balda-se sempre a copas.
^(a) **O** está reduzido a duas cartas de paus e duas de ouros.
S joga paus, **O** faz os dois paus e **S** cumpre.

^(a) Se **O** repete paus, **N** faz A. *p.* e trunfa, continuando **S** a trunfar mais 4 vezes, e a situação fica igual a ^(a) se **O** se tiver baldado às 3 cartas de copas.

Se **O** se não baldar a copas e conservar as 3 cartas terá nessa altura 3 copas, 2 ouros de Rei e uma carta de paus.

S em seguida às trunfadas, joga 4 de paus, firmando o 5 *p.*, e faz as 4 vasas.

Se **O** em ^(a) jogasse ouros — **N** faz a D. *o.*, e ficam logo asseguradas 5 vasas em lugar de 4.

Parentêscos

(Problema)

Quatro senhoras, que por sinal nada deviam à formosura, estavam sentadas numa confeitaria tomando chá e eram tódas parentas umas das outras, segundo nos disseram.

Ester, que era filha dum relojoeiro, era a mais velha de tódas, mas a Amélia, que felizmente era filha única, era a mais feia; e enquanto a Henriqueta é que tinha os dentes mais saídos, a Emília é que tinha os pés maiores, mas não tinha primos nem primas.

A Emília tinha o mesmo parentesco com a Amélia do que a Amélia tinha com a Ester, e a Ester, o mesmo parentesco com a Emília do que a Amélia tinha com a Henriqueta.

Se perceberem alguma cousa, digam lá qual era o parentesco que existia entre a Ester e a Henriqueta?

Multiplicação

(Problema)

Depois de se terem disposto os seguintes algarismos:

9, 7, 1, 2, 5, 4, 6, 3

de certa maneira, multipliquem-se por 9, a-fim de se encontrar o producto que se componha, exclusivamente, de algarismos 1.

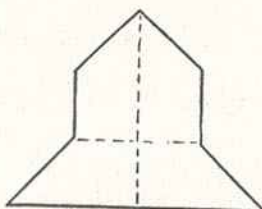
A idade do triunfo

Uma estatística, já há bastante tempo publicada, prova que os físicos e os químicos têm realizado as suas principais descobertas pela idade dos quarenta e quatro anos, aproximadamente; os poetas têm produzido o seu melhor poema aos quarenta e quatro anos e os romancistas o seu melhor romance aos quarenta e seis.

O apogeu da glória, alcançaram-na os militares e os exploradores aos quarenta e sete anos; os compositores aos quarenta e oito; os médicos e os políticos, aos cinquenta e dois; os matemáticos, aos cinquenta e seis; os historiadores, aos cinquenta e sete e os naturalistas aos cinquenta e oito.

Divisão de propriedade

(Solução)



Pelo diagrama se vê qual a solução.

Como morreram os generais de Napoleão

É muito curiosa a circunstância de que a maioria dos generais de França, do tempo de Napoleão, morreram nos seus leitos e em idade muito avançada.

Vinte e três generais francezes alcançaram o bastão de marechal, e de todos esses apenas Lannes e Bessières, morreram no campo da batalha, e outro, o príncipe Poniatowski, morreu afogado. Quinze faleceram de morte natural e os restantes terminaram os seus dias em circunstâncias trágicas, mas que em nada se relacionam com os casos da guerra.

Todos conhecem o valor patenteado pelos marechais Murat e Ney, quando fôram fusilados. Nenhum deles consentiu que lhe vendassem os olhos, morreram com a mesma serenidade e bravura de que tinham dado tantas provas em combate.

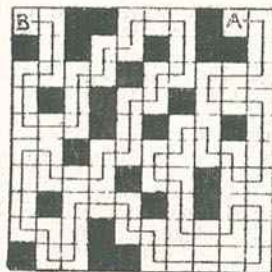
O avião civil, na América, vai-se construindo em série e pelo preço de qualquer automóvel de 6 cilindros. A vantagem de poderem dobrar as azas e de poderem aterrar vôo em qualquer campo com 100 metros de comprimento, faz com que alguns agricultores já o utilizem correntemente.

A estatística de Dezembro de 1929 acusava a existência de 8.000 aviões civis e 16.000 pilotos.

Dentro de pouco tempo veremos ali, por cima dos grandes mercados, plataformas de aterragem onde os aviões descarregarão batatas, couves, cebolas, etc.

O traço ininterrupto

(Solução)



A vaidade dum grande pintor

Conta-se que, de uma vez, quando Guido Reni, o famoso protegido de Paulo V procedia à pintura da capela de Monte-Caballo, aquele Pontífice lhe dissera, ao admirar maravilhado o seu quadro *Assumpção da Virgem*, que podia cobrir-se na sua presença; concessão única, sem dúvida, e especialíssima, a que o genial pintor teria respondido dizendo «que isso faria ainda que o Pontífice o não autorisasse — por a tal privilégio lhe dar direito o seu talento!

Segundo um colono do Cabo, que durante muito tempo estudou os costumes dos avestruzes, estas aves têm grande antipatia pelos cafres e hotenotes a quem atacam onde que os encontrem. Em compensação, nunca fazem mal aos brancos, salvo em caso destes os provocarem.

Antigamente andava ligado ao viscondado de Cessac, em França, um encargo singular. O titular era um subdito do bispo de Cahors e devia conduzi-lo e servi-o quando tomava posse do bispado, esperando-o para esse fim à porta da cidade, com a cabeça descoberta, sem capa, nua uma das pernas e um pé descalço. Assim que o prelado chegava, conduzi-o pelo freio da mula em que dava entrada, até ao Paço Episcopal, e aí o servia à meza, vestido sempre de igual modo. Tinha, pelo seu trabalho, a mula e o bufete do bispo, o que orçava, de ordinário, por uns 3.000 francos.



— Deve ser uma cousa muito embaraçosa, estar para casar com um de dois irmãos gêmeos. Como se há-de diferenciar um do outro?
— Ora, isso é lá com eles!

(De «London Opinions».)

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1937

Esc. 19.983.462\$61

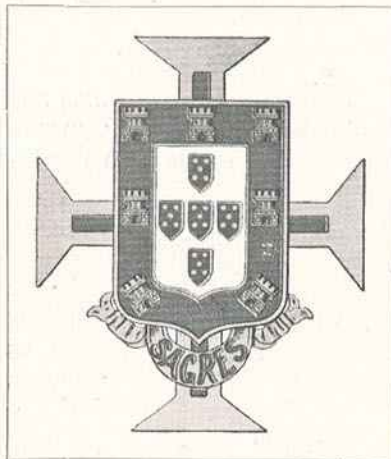
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1937

Esc. 14.645.207\$83

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edifício próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone



Venda em todas as Pharmacias

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado 15\$00
Pelo correio à cobrança 16\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

GIL VICENTE

O AUTO DA CANANEIA

Texto princeps.

Texto modernizado. Anotações e comentários

DE AGOSTINHO DE CAMPOS
Da Academia das Ciências de Lisboa

1 volume brochado 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, R. Garrett, 75-LISBOA

À VENDA:

NOVIDADE LITERÁRIA

ANASTÁCIO DA CUNHA, o lente penitenciado

(VIDA E OBRA)

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 286 págs., brochado 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, R. Garrett, 75-LISBOA

Uma boa colecção de livros
de grandes autores
dá categoria a quem a possui

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
contra o pagamento da 1.^a prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas
que denominou

Crediário Cultural

Por este sistema,—novo processo de vendas
adoptado nalguns países da Europa e especial-
mente da América,—contribue-se para a cultura
do povo, facilitando-se a aquisição das obras
dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte
e cinco escudos, segundo a importância
da compra, sem fiador, sempre com
a bonificação do sorteio e com
direito à escolha de obras men-
cionadas em catálogo especial.**

**O comprador favorecido com
o sorteio não paga mais nada,
saldando assim a sua conta
apenas pelo que tiver pago.**

Peçam catalogos e informações á

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livraria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

**DOCES E
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Be-
nollet e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Deposítaria:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**OBRAS
DE
JULIO DANTAS**

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00;	
br.	8\$00
— (1. ^a edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{ma} X. — (5. ^a edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5. ^o milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00;	
br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00;	
br.	12\$00
EVA — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$50;	
br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00

POESIA

NADA — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2. ^a edição), br.	3\$00
CHIA (A) DOS CARDIAIS — (27. ^a edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3. ^a edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.^a parte — **Os ingleses no Polo Norte**. 1 vol.
- 5 — 2.^a parte — **O deserto de gelo**. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.^a parte — **América do Sul**. 1 vol.
- 10 — 2.^a parte — **Austrália Meridional**. 1 vol.
- 11 — 3.^a parte — **Oceano Pacífico**. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
- 12 — 1.^a parte — **O homem das águas**, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.^a parte — **O fundo do mar**, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.^a parte — **Os naufragos do ar**. 1 vol.
- 15 — 2.^a parte — **O abandonado**. 1 vol.
- 16 — 3.^a parte — **O segredo da ilha**. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.^a parte — **O correio do Czar**. 1 vol.
- 18 — 2.^a parte — **A invasão**. 1 vol.
O péis das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.^a parte — **O eclipse de 1860**. 1 vol.
- 20 — 2.^a parte — **A ilha errante**. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As Índias negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.^a parte — **O cataclismo cósmico**. 1 vol.
- 24 — 2.^a parte — **Os habitantes do cometa**. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.^a parte — **A viagem fatal**. 1 vol.
- 27 — 2.^a parte — **Na África**. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões de Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.^a parte — **A chama errante**. 1 vol.
- 32 — 2.^a parte — **A ressuscitada**. 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido.
- 33 — 1.^a parte — **O segredo terrível**. 1 vol.
- 34 — 2.^a parte — **A justificação**. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.^a parte — **A descoberta da terra**. 1.^o vol.
- 36 — 1.^a parte — **A descoberta da terra**. 2.^o vol.
- 37 — 2.^a parte — **Os navegadores do século XVIII**. 1.^o vol.
- 38 — 2.^a parte — **Os navegadores do século XVIII**. 2.^o vol.
- 39 — 3.^a parte — **Os exploradores do século XIX**. 1.^o vol.
- 40 — 3.^a parte — **Os exploradores do século XIX**. 2.^o vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kériban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.^a parte — **De Constantinopla a Scutari**.
- 44 — 2.^a parte — **O regresso**. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.^a parte — **O pombo correio**. 1 vol.
- 48 — 2.^a parte — **Cabo Matifoux**. 1 vol.
- 49 — 3.^a parte — **O passado e o presente**. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9:672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.^a parte — **O ódio do Texar**. 1 vol.
- 54 — 2.^a parte — **Justiça**. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.^a parte — **A escuna perdida**. 1 vol.
- 57 — 2.^a parte — **A colónia infantil**. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.^a parte — **Os filhos do traidor**. 1 vol.
- 59 — 2.^a parte — **O padre Johann**. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
Cesar Cascabel:
- 61 — 1.^a parte — **A despedida do novo continente**, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.^a parte — **A chegada ao velho mundo**, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.^a parte — **A procura dos naufragos**. 1 vol.
- 64 — 2.^a parte — **Deus dispõe**. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
Em frente da bandeira, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.^a parte — **A cidade dos biliões**. 1 vol.
- 68 — 2.^a parte — **Distúrbios no Pacífico**. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gélos, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.^a parte — **Viagens aos mares austrais**. 1 vol.
- 71 — 2.^a parte — **Lutas de marinheiro**. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.^a parte — **O filho do coronel**. 1 vol.
- 74 — 2.^a parte — **O coronel de Kermor**. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.^o vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.^o vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agencia Thompson & C.^a**, 1.^a parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agencia Thompson & C.^a**, 2.^a parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

Alegria no trabalho



O Fogareiro Vacuum é um grande auxiliar das cozinheiras. E se lhes não der alegria, contribui certamente para facilitar o seu trabalho.

O Fogareiro Vacuum consome apenas 1 1/2 decilitro de petróleo por hora.

FOGAREIROS VACUUM

Só são Fogareiros Vacuum aqueles que tem gravada a marca VACUUM